

Priscila Lanzoni

**NARRATIVAS SOBRE INFÂNCIA: MODOS DE REVIVER E
RELEMBRAR O PASSADO**

Monografia apresentada na disciplina de Trabalho de Curso II, do Curso de Pedagogia do Centro Universitário UNIVATES, como parte da exigência para a obtenção do título de Licenciada em Pedagogia.

Orientadora: Prof^ª. Dra. Mariane Inês Ohlweiler

Lajeado, novembro de 2015

Priscila Lanzoni

**NARRATIVAS SOBRE INFÂNCIA: MODOS DE REVIVER E
RELEMBRAR O PASSADO**

A Banca examinadora abaixo aprova a Monografia apresentada na disciplina de Trabalho de Curso II, do Curso de Pedagogia do Centro Universitário UNIVATES, como parte da exigência para a obtenção do título de Licenciada em Pedagogia:

Prof^ª. Dra. Mariane Inês Ohlweiler - orientadora

Centro Universitário UNIVATES

Prof^ª. Ms. Cláudia Inês Horn

Centro Universitário UNIVATES

Lajeado, 1º de dezembro de 2015

AGRADECIMENTOS

A Deus por ter me dado luz e força.

Aos meus pais, Everaldo e Joice, pelo amor, incentivo e apoio incondicional. Obrigada pela oportunidade de fazer este curso.

A minha professora orientadora, Prof^ª. Dra. Mariane Inês Ohlweiler, excelente professora e profissional a qual me espelho. Obrigada pelo apoio, carinho, atenção e empenho dedicado para a elaboração deste trabalho. Agradeço pelas ricas aprendizagens que me proporcionou.

A Mara Colombo Patussi, por ceder o seu espaço de trabalho para a realização desta pesquisa. Obrigada pela oportunidade de vivenciar ricos e significativos momentos.

Aos idosos participantes desta pesquisa, pois sem eles este trabalho não se concretizaria. Obrigada por compartilhar suas memórias e me proporcionar vivências intensas e marcantes com suas narrativas de infância. Agradeço pelas sábias palavras.

Aos meus alunos do 5º ano, que alegam as minhas tardes. Obrigada pelas risadas e pelo carinho.

A todos que direta ou indiretamente fizeram parte da minha formação, o meu muito obrigada.

Todos serão sempre lembrados e guardados carinhosamente em meu coração.

Escutar demanda energia, dá trabalho. Requer atitude. A relação entre a fala e a escuta é uma garantia de vida eterna para as histórias (FAOUR, 2009, p. 37).

RESUMO

Este Trabalho de Conclusão de Curso tem como tema central as narrativas de infância de idosos e suas percepções sobre o assunto. O objeto de pesquisa constituiu-se a partir do problema: “De que modos a infância perpassa a narrativa de idosos? ”. O referencial teórico principal abrange os conceitos de: infância, de Walter Kohan; memória, de Ecléa Bosi; narrativa, de Richard Kearney; e ficção, de Manoel de Barros. Como metodologia de pesquisa, adotou-se o método qualitativo com o uso de narrativas. O critério de escolha dos sujeitos, foi a disponibilidade de pessoas que quisessem e pudessem narrar sobre suas infâncias. O material foi obtido a partir de cinco entrevistas abertas em forma de narrativa, com idosos oriundos de um município do Vale do Taquari/RS. Sendo que dois destes idosos residem em uma pousada, uma espécie de lar para idosos, e já os outros três possuem residência própria. Com a realização deste Trabalho de Conclusão de Curso pode-se salientar que a pesquisadora foi ao mesmo tempo sujeito e objeto de pesquisa. Sujeito enquanto alguém que questionou e procurou saber. Objeto enquanto alguém que procurou ouvir e registrar, sendo uma espécie de ferramenta que recebeu e transmitiu as lembranças e as memórias dos idosos. Assim, o presente se atualizou sobre um passado que foi lembrado. A partir das análises das narrativas obtidas, percebeu-se distintos modos de vivenciar a infância: algumas permeadas de alegria, nostalgia, saudosismo e diversão, e outras repletas de tristeza, sacrifício, trabalho e carência. Estas narrativas sobre infância são de extrema importância, pois auxiliam a compreender mudanças de cunho histórico, as quais refletem em modos de subjetivação, práticas educativas e percepções sobre infância da contemporaneidade.

Palavras chaves: Idosos. Infância. Memória. Narrativas. Ficção.

SUMÁRIO

| | |
|--------------------------------------------------------------|-----------|
| 1. A ESCOLHA DO TEMA | 8 |
| 1.1 O problema | 10 |
| 2. A PESQUISA QUALITATIVA E O USO DE NARRATIVAS | 11 |
| 2.1 A experiência de ser pesquisadora..... | 16 |
| 3. INFÂNCIA: POTÊNCIA E CRIAÇÃO..... | 18 |
| 3.1 Pequenos trabalhadores | 36 |
| 3.2 Brincadeiras e brinquedos | 38 |
| 3.3 O dia a dia | 40 |
| 3.4 O vestuário | 42 |
| 3.5 O campo e a cidade | 44 |
| 3.6 Cenas de escola..... | 46 |
| 3.7 A infância de hoje..... | 48 |

| | |
|-------------------------------------------|-----------|
| 4. MEMÓRIA: REVIRANDO GAVETAS..... | 51 |
| 5. NARRATIVAS: ERA UMA VEZ | 63 |
| 6. FICÇÃO: TRANSVENDO MUNDOS..... | 77 |
| 7. CONTE E RECONTE | 85 |
| REFERÊNCIAS..... | 89 |
| ANEXOS | 96 |

1. A ESCOLHA DO TEMA

O tema central deste Trabalho de Conclusão Curso, que aborda os idosos e suas narrativas de infância, foi inicialmente pensado devido a algumas de minhas vivências ocorridas nos últimos anos de minha graduação.

O meu interesse pelo tema “Idosos e Infância”, surgiu a partir do momento em que desejei realizar o Estágio Supervisionado em Gestão Educacional em uma instituição não formal, pois queria poder ter contato com outras experiências que iriam além do contexto da sala de aula. Mas em que local de minha cidade poderia realizar este estágio? Ficava me questionando. De repente veio à minha cabeça a imagem de uma pousada, uma espécie de lar para idosos localizada no município em que resido.

Infelizmente, recebi a notícia de que para realizar este estágio em um espaço não formal, este deveria contar com um pedagogo em atuação. Como a pousada não possuía este profissional, tive que deixar meu desejo adormecido. Mas todas as vezes que passava em frente a esta pousada para ir ao trabalho, eu a olhava e pensava: Um dia quero conhece-la.

Tempos se passaram e a angústia tomava conta de mim, pois até então eu não tinha nenhum tema para o Trabalho de Conclusão de Curso e tão logo saberia que iria iniciá-lo. Estava desesperada, pois muitas colegas falavam que era bom ter um tema com o qual você tivesse intimidade e interesse, e não um tema que o professor orientador te indicasse

Além disso, nunca me esqueço de que em uma das aulas da professora Maria Isabel Lopes, esta disse que o Trabalho de Conclusão de Curso requer um tema “novo”, “inovador”. Ou como ela mesma dizia: *“TCC sobre brincar, inclusão e bullying, já tem que chega!”*.

No semestre seguinte, iniciei o Estágio Supervisionado nos Anos Iniciais do Ensino Fundamental II, com a professora Mariane Inês Ohlweiler com a qual ainda não havia tido contato. Em uma das aulas, o grupo de alunas estava debatendo a respeito dos temas Infância, Mídia e Consumo, surgindo diversas histórias e frases como estas: *“No meu tempo era assim... Quando eu era criança... Na minha idade...”*.

Em meio a estas falas, a professora Mariane abordou a questão de que as pessoas mais velhas gostam de contar suas narrativas de vida, principalmente quando relacionadas à infância. A professora Mariane também contou que realizou um trabalho de pesquisa no qual crianças, adultos e idosos contavam suas narrativas de infância.

Eu estava bem pensativa e ouvindo estas explosões de informações. Após alguns minutos veio à minha cabeça: Infância, Idosos e Narrativas.

Trabalhar com idosos, era um desejo que ainda pairava sobre mim, queria ter alguma experiência com este público. Queria manter também o tema da infância, pois como educadora, querendo ou não, sempre estarei conectada ao mesmo. E por fim, as narrativas, pois acredito que de certa forma se perdeu aquele hábito de contar histórias. Com a avalanche de tecnologias, a troca pessoal e presencial de informações tem se tornado mais escassa, em especial entre as gerações dos idosos e as mais novas, uma vez que aqueles não mantêm-se em uma tradição mais oral de narrativa.

Além disso, creio que é extremamente importante valorizarmos estas pessoas que passaram por uma longa caminhada de vida, na qual tiveram alegrias, tristezas, frustrações, dificuldades ou tropeços. Os idosos poderão se sentir valorizados ao falarem sobre suas narrativas de vida.

Assim, na aula acima referida, decidi meu tema para o Trabalho de Conclusão de Curso. Acredito que este tema proporcionará uma experiência para além da sala de aula, pois muitos indivíduos acreditam que a área da Pedagogia somente trabalha com crianças, portanto quero “fugir” desta ideia e vivenciar outras possibilidades.

Também tinha o grande desejo de ter a professora Mariane Inês Ohlweiler como minha orientadora, e com muita alegria e entusiasmo consegui, uma vez que ela teve grande contribuição para a elaboração deste tema.

Aproveito para dizer que nesta pesquisa utilizo o termo “idoso”. Em minha convivência familiar aprendi e acredito que o termo “velho”, é algo muito pejorativo, e está relacionado ao descartável, que não tem utilidade ou serventia. Por exemplo: televisão velha, sofá velho... Apesar de que, muitas vezes este termo é usado num sentido carinhoso e de intimidade. Por exemplo: “*Oh, meu velho! Minha velha querida!*”. No decorrer do trabalho me debruçarei mais detalhadamente sobre estes conceitos.

Enfim, esta pesquisa proporcionará a troca de experiências e vivências entre indivíduos de distintas gerações: Eu – pesquisadora + Idosos, trazendo o passado para o presente.

Trago em linhas gerais o conteúdo dos capítulos deste trabalho. No capítulo um apresento a justificativa de escolha do tema deste trabalho, e na sequência explico o problema de pesquisa. No capítulo dois, abordo a pesquisa qualitativa e o uso de narrativas, bem como, a minha experiência enquanto pesquisadora. Nos capítulos seguintes trago o referencial teórico e a análise de dados da pesquisa. Portanto, no capítulo três apresento o conceito de infância e suas categorias de análise. No capítulo quatro, abordo a questão da memória e no capítulo cinco, trabalho o conceito de narrativa. No capítulo seis, explico a questão da ficção. E por fim, no capítulo sete, trago as considerações finais.

1.1 O problema

Como já dito anteriormente, considerando o meu desejo de trabalhar com idosos, bem como valorizar estes indivíduos, e sabendo que como educadora sempre estarei conectada com o tema da infância, e por acreditar que o hábito de contar histórias está se perdendo, mas é essencial valorizar as narrativas da infância dos idosos, o que leva a questionar-me: “De que modos a infância perpassa a narrativa de idosos?”.

2. A PESQUISA QUALITATIVA E O USO DE NARRATIVAS

A presente pesquisa utilizou-se do método qualitativo com o uso de narrativas. A característica principal deste trabalho foi fazer com que os sujeitos narrassem histórias de vida relacionadas ao tema infância.

A pesquisa qualitativa tem como objeto de estudo os valores, as crenças, as motivações e os significados, portanto estas não podem ser meramente reduzidas às questões quantitativas, pois respondem a noções muito particulares (MINAYO, 1996 *apud* BONI e QUARESMA, 2005). Por meio deste método, o pesquisador busca colher dados objetivos e subjetivos. Assim, os dados subjetivos estão relacionados às crenças, às opiniões, aos valores e às atitudes dos sujeitos participantes, e uma das formas de obter dados relativos a estes aspectos é o uso da entrevista.

Para Haguette (1997, p. 86 *apud* BONI e QUARESMA, 2005, p. 72) a entrevista é um “processo de interação social entre duas pessoas na qual uma delas, o entrevistador, tem por objetivo a obtenção de informações por parte do outro, o entrevistado”. A forma de entrevista utilizada nesta pesquisa será a história de vida, do tipo tópica, ou seja:

[...] o pesquisador constantemente interage com o informante. Sua principal função é retratar as experiências vivenciadas por pessoas, grupos ou organizações. Existem dois tipos de HV: a completa, que retrata todo o conjunto da experiência vivida e a tópica, que focaliza uma etapa ou um determinado setor da experiência em questão (MINAYO, 1993 *apud* BONI e QUARESMA, 2005, p. 73).

Desta forma, a história de vida possibilita que o sujeito participante faça uma retrospectiva de suas vivências. Fischer (1997) relata que a história de vida, dá voz a indivíduos “comuns”, analisando os acontecimentos históricos sob outros pontos de vista. Para além, a autora destaca que esta abordagem permite compreender, frente a diversidade dos seres humanos.

Fazer uso da história de vida como metodologia de pesquisa “[...] é acima de tudo conceber a linguagem como constituinte da realidade. É entender os depoimentos obtidos via história de vida como fruto de práticas discursivas, as quais por sua vez são históricas, porque são contingentes [...]” (FISCHER, 1997, p. 15 - 16).

Frente a esta citação, Fischer (1997) nos atenta que não basta fazer uma mera análise literária sobre o que o entrevistado falou ou não falou, ou simplesmente constituir relações entre o que foi falado e o contexto mais abrangente. Trata-se de uma análise discursiva, mas que difere de interpretar e buscar sentidos de falas ou textos. Assim, “[...] o que compete são as condições sob as quais a função enunciativa se efetiva [...]” (FISCHER, 1997, p. 18).

Narrar é uma manifestação que acompanha o homem desde sua origem. As gravações em pedra nos tempos da caverna, por exemplo, são narrações. Os mitos – histórias das origens (de um povo, de objetos, de lugares) -, transmitidos pelos povos através das gerações, são narrativas; a Bíblia – livro que condensa história, filosofia e dogmas do povo cristão – compreende muitas narrativas: da origem do homem e da mulher, dos milagres de Jesus etc. modernamente, poderíamos citar um sem-número de narrativas: novela de TV, filme de cinema, peça de teatro, notícia de jornal, gibi, desenho animado... muitas são as possibilidades de narrar, oralmente ou por escrito, em prosa ou em verso, usando imagens ou não [...] (GANCHO, 1995, p. 6).

Perante esta citação, podemos notar que a arte de contar histórias é uma prática realizada por muitos indivíduos: avós, pais, filhos, colegas, professores... Ou seja, todos contam, ouvem, escrevem ou leem diferentes tipos de narrativas: casos, piadas, romances, contos, novelas, etc.

Gancho (1995) destaca em sua obra “*Como analisar narrativas*”, algumas questões práticas de análise para este tipo de gênero. A autora ressalta que toda a narrativa possui cinco elementos essenciais sem os quais esta não pode existir. São eles: enredo, personagens, tempo, espaço e narrador.

O *enredo* é o conjunto dos acontecimentos de uma história. Também é conhecido por outros nomes como: ação, trama, história, fábula ou intriga. O *personagem* é o responsável pela execução do enredo, ou seja, é quem pratica a ação. O personagem é um sujeito que faz parte da história, e este só existe, se realmente participar do enredo, ou seja, falando ou agindo (GANCHO, 1995).

Quanto ao *tempo*, este liga-se aos fatos de um enredo em diversos níveis. Por exemplo: época em que se passa a história, duração da história, tempo cronológico e tempo psicológico (GANCHO, 1995). O tempo cronológico refere-se “ao tempo da narrativa que segue o curso natural, é mensurável, isto é, tem começo, meio e fim” (GANCHO, 1995, p. 68). Já o tempo psicológico relaciona-se “ao tempo da narrativa que segue os impulsos emocionais do narrador ou dos personagens, e que, portanto, não segue a lógica do tempo cronológico” (GANCHO, 1995, p. 68).

O *espaço*, é o local onde ocorre a história. Entretanto é importante destacar, que o termo espaço se refere somente à um lugar físico onde acontecem os episódios da história. Se quisermos mencionar um local psicológico, econômico, social etc., fazemos uso do termo ambiente (GANCHO, 1995).

E o *narrador*, componente que estrutura a história, pois “[...] não existe narrativa sem narrador” (GANCHO, 1995, p. 26). Há vários tipos de narrador, nesta pesquisa trabalharemos com o narrador do tipo “primeira pessoa ou narrador personagem que é aquele que participa diretamente do enredo como qualquer personagem [...]” (GANCHO, 1995, p. 28). Logo, um “narrador protagonista” (GANCHO, 1995, p. 29), que é o personagem central da narrativa.

O conceito de *discurso*, igualmente é indispensável para a análise de uma narrativa. É interessante observar que a narrativa tem no mínimo “[...] dois níveis de linguagem: o do narrador e o dos personagens” (GANCHO, 1995, p. 33). Desta forma, o discurso “[...] é a linguagem usada pelos personagens para dialogar” (GANCHO, 1995, p. 65).

Fischer (1997) também trabalha com este conceito, e ressalta que nos discursos há um local vazio e determinado que pode ser ocupado por distintos sujeitos.

“[...] Se uma proposição, uma frase, um conjunto de signos podem ser considerados enunciados, [...] não é porque houve um dia alguém para proferi-los, mas porque houve uma posição que foi ocupada por um sujeito [...]” (FISCHER, 1997, p. 17).

E por fim, Gancho (1995) ainda ressalta que é preciso saber diferenciar certos verbos para podermos analisar uma narrativa. São eles: identificar; comentar; relacionar/comparar; analisar; interpretar; dar opiniões.

Identificar - é reconhecer, achar um elemento entre outros; Comentar - é geralmente tecer comentários gerais sobre o conteúdo do texto, o que supõe uma leitura atenta; Relacionar/Comparar - é estabelecer os pontos comuns e diferentes entre dois elementos do texto ou entre elementos do texto e da realidade – (do autor, do leitor etc); Analisar - é separar as partes, compará-las e tirar conclusões lógicas, coerentes com o texto; Interpretar - pode significar comentar ou analisar, dependendo do contexto, de qualquer forma, é uma tarefa que deve ater aos limites do texto, evitando-se, sempre que possível, misturar as afirmações do texto com aquilo que achamos; Dar opiniões – é posicionar-se criticamente frente ao texto, ou algum aspecto dele, emitir ideias pessoais, desde que comprovadas com argumentos lógicos ou com passagens do texto (GANCHO, 1995, p. 41 – 42).

Trago estas categorias de Gancho (1995) para pensar a composição das narrativas. Destaco, porém que estas não serão o foco de análise das narrativas obtidas, mas a título de estrutura do material empírico, os conceitos de análise literária contribuem para pensar as tramas que compõem as narrativas, inclusive o teor de ficção atrelado a elas.

Para esta pesquisa, elenquei cinco sujeitos participantes: dois idosos que residem em uma pousada, uma espécie de lar para idosos, e que foram contatados pelo diretor responsável da instituição¹, e três idosos que foram contatados diretamente por mim, por haver ligação familiar e relações de vizinhança, sendo que estes possuem residência própria. Ambos os sujeitos, são oriundos de um município do Vale do Taquari/RS². Assim, fica claro que o requisito para a escolha da realização das entrevistas, foram três pessoas idosas dispostas a narrar sobre suas histórias de vida, em especial, sobre a infância.

Para as entrevistas, fiz uso de um roteiro de perguntas³, mas ressalvo que não necessariamente segui a rigor este questionário. Este serviu como uma base para estimular a memória, o pensamento e a fala dos entrevistados⁴.

Segundo Lakatos (1996) organizar uma entrevista é uma das fases mais importantes da pesquisa, e requer dedicação e cuidados, como por exemplo: o planejamento da entrevista; a

¹ O termo de consentimento informado para o proprietário responsável encontra-se nos Anexos.

² O termo de consentimento encontra-se nos Anexos.

³ O roteiro de perguntas encontra-se nos Anexos.

⁴ Todas as falas dos entrevistados serão destacadas em itálico, e para preservar a identidade das pessoas, os nomes utilizados são fictícios e foram escolhidos pelos participantes da pesquisa.

escolha do sujeito participante; o momento para a realização da entrevista; as condições adequadas para garantir as confissões e identidade do entrevistado; e a preparação do roteiro de questões.

Bourdieu (1999) ressalva que o pesquisador deve ser minucioso para não organizar questões absurdas, tendenciosas, confusas ou desarticuladas. Os questionamentos devem levar em consideração o problema a ser pesquisado, buscando dar sequência na conversa e uma certa lógica para o entrevistado. O autor ainda aconselha que é muito interessante fazer com que o entrevistado relembra momentos de sua vida, do que simplesmente fazer uma questão direta. Ou seja, “provocar” a memória do entrevistado.

[...] Uma pesquisa é um compromisso afetivo, um trabalho ombro a ombro com o sujeito da pesquisa. E ela será tanto mais válida se o observador não fizer excursões saltuárias na situação do observado, mas participar de sua vida. [...] Não basta simpatia (sentimento fácil) pelo objeto da pesquisa, é preciso que nasça uma compreensão sedimentada no trabalho comum, na convivência, nas condições de vida muito semelhantes. Não basta trabalhar alguns meses numa linha de montagem para conhecer a condição operária. O observador participante dessa condição por algum tempo tem, a qualquer momento, possibilidade de voltar para sua classe, se a situação tornar-se difícil (BOSI, 1994, p. 38).

Portanto, frente a esta citação e com base nos estudos de Boni e Quaresma (2005) acredito ser necessário no decorrer da entrevista falar a mesma língua do entrevistado, para que pesquisador e pesquisado se entendam e assim não haja constrangimento. Além do que, o pesquisador deve ter uma escuta sensível para com as narrativas dos sujeitos participantes da pesquisa, mostrando estar atento às falas e procurando intervir o mínimo possível para não interromper o pensamento do entrevistado.

Ainda me baseando na citação acima, e retomando as ideias de Boni e Quaresma (2005) a entrevista deve proporcionar bem-estar ao entrevistado, para que este possa contar sua vida. O pesquisador deve considerar que no período da entrevista, este irá se deparar com sentimentos, fragilidades, afetos, singularidades e histórias de vida distintas, portanto é preciso respeito o sujeito pesquisado.

Além disso, Boni e Quaresma (2005) destacam ser necessário que o pesquisador deixe à vontade o entrevistado, para que este não se intimide e fale livremente. Assim, no momento

da entrevista o pesquisador não deve ser nem muito falante, nem muito rígido ou nem muito tímido.

Por fim, creio ter sido uma riqueza poder entrevistar sujeitos com os quais coletei narrativas de vida, a partir das quais estes poderão relembrar suas memórias, ou fazendo uso das palavras de Chauí (1979, *apud* BOSI, 1994, p. 21) “[...] o que é ler senão aprender a pensar na esteira deixada pelo pensamento do outro? Ler é retomar a reflexão de outrem como matéria-prima para o trabalho de nossa própria reflexão”.

2.1 A experiência de ser pesquisadora

Preparar as entrevistas, encontrar sujeitos dispostos a narrar sobre suas infâncias, rapidamente coletar dados e “ir embora”. Era este o meu pensamento para com a realização da metodologia deste trabalho. Nada de muito envolvimento, simplesmente obter material para análise. Rir e chorar? Bobagem! Isso nunca iria acontecer!

Mas aconteceu! Nunca imaginei que ao realizar um Trabalho de Conclusão de Curso, eu pudesse me envolver de um modo tão intenso. Encontro nas palavras de Bosi (1994), semelhanças em relação a sensação de vínculo descrita pela autora:

O principal esteio do meu método de abordagem foi a formação de um vínculo de amizade e confiança com os recordadores. Esse vínculo não traduz apenas uma simpatia espontânea que se foi desenvolvendo durante a pesquisa, mas resulta de um amadurecimento de quem deseja compreender a própria vida revelada do sujeito (BOSI, 1994, p. 37 - 38).

Se colocar num lugar de escuta, é navegar para outros territórios, descobrir tesouros que estão guardados. Impossível não se envolver com as inúmeras e distintas narrativas que cada idoso me contou. Como não rir das “artes” que dona Ana e seu Pedro “aprontavam”? Como não se admirar com a sabedoria de seu Nestor? Como não chorar das tristezas e aflições de Ariane? Como não abraçar Rosa, uma vovozinha tão querida?

A emoção também foi forte ao conhecer a pousada, uma espécie de lar de idosos, no qual dois dos sujeitos participantes da pesquisa residem. Além de manter contato com estes idosos, conheci e conversei com outros moradores da pousada. Fato que eu não cogitava que

pudesse ocorrer. Mas que bom que aconteceu! Não tive como chegar neste local e não me sensibilizar com a situação dos idosos. É muito tocante ver aqueles olhares de certa forma assustados e tristes em estar ali, mas que com um simples abraço ou uma palavra de carinho, ficam mais radiantes. Fico feliz de ter feito um pouquinho de diferença na vida de cada um.

É tão significativo e prazeroso ver o quanto os idosos se sentiram valorizados e “importantes” em participar da pesquisa. Mas creio que a privilegiada fui eu, pois aprendi e escutei sábias palavras.

E quem diria que eu iria sentir saudades destes vovôs e vovós. Não há como não lembrar ou pensar neles. Confesso que quando passo em frente à pousada, dou sempre uma “espiadinha” para vê-los. Na minha vizinhança, quando encontro algum idoso, “bato um papo” com eles.

Para ser sincera, nunca pensei que algum dia pudesse fazer uma pesquisa envolvendo idosos, até porque não dava muita atenção para esta questão. Hoje o meu pensamento mudou, e estou mais atenta e sensibilizada com estes indivíduos que possuem grandes experiências de vida, e que merecem ser escutados e respeitados.

Portanto, é com muita alegria que aqui deixo meu relato de vivência enquanto pesquisadora. Com certeza uma experiência que foi além das questões acadêmicas e que levarei por toda a minha vida.

3. INFÂNCIA: POTÊNCIA E CRIAÇÃO

Para nos desacomodarmos, iniciarei esta escrita a respeito da infância, com uma problematização através do pensamento de Kohan (2004):

O que é a infância? A pergunta ressoa sem parar. Será que conseguimos levar a interrogação até onde ela consiga, de verdade, fazermo-nos interrogar? Será que nos perguntamos mesmo pela infância? Será que conseguimos interrogarmo-nos sobre nossa relação com a infância, sobre o que somos em relação à infância? Será que algo infantil nos atravessa com a pergunta? (KOHAN, 2004, p. 51).

Pesquisar o tema da infância nos reporta ao entendimento das diversas representações que as crianças receberam no decorrer da história da humanidade. Deve-se ter em mente que as crianças sempre estiveram inseridas no cerne de uma formação social determinada, vivenciando de diferentes formas essa fase em decorrência de diferentes significações a elas nomeadas.

Conforme os entrevistados, podemos notar diferentes representações de infância. Ana (81 anos), Rosa (76 anos) e Pedro (72 anos) tiveram uma infância marcada pelo trabalho árduo, pela carência e pelas dificuldades financeiras, mas também pelo bom convívio familiar, pelos momentos de escola, de felicidade e diversão. Trago algumas falas dos entrevistados mencionados que ilustram estas percepções:

A infância para mim era ruim e não era, porque não é que nem agora, que a gente tem mais liberdade, tem as coisas, tu pode comprar. Naquele tempo não, tu ficava com vontade e não dava. Eu sempre dizia assim: Deus tinha que ajudar nós para

ganhar dinheiro, para nós ganha o que a outra ganhava. A vizinha, porque a vizinha, a guria ganhava bastante aquela cestinha de Páscoa, ia no Papai Noel e ganhava um pacote com bastante coisa. Nós ganhávamos às vezes um e às vezes nenhum, porque não tinha como⁵. (Ana).

A gente de gurizada, gostava muito de pescar, sete, oito anos a gente morava perto do rio, e pescava muito, de linha, caniço. E aquele tempo lá, a gente morava no município de Bento Gonçalves, e a gente também gostava de caçar. Durante a semana a gente estudava de manhã e de tarde a gente ia trabalhar na roça, capinar. De pequeno a gente levava almoço na roça para os pais na roça. (Pedro).

A gente trabalhava, se ia na roça, se ia na aula, se escrevia na escola, às vezes se errava na escola, às vezes se fazia certo. Tinha vezes que a professora xingava, tinha a gurizada que incomodava na escola. Mas eu não incomodava ninguém, porque eu era bem quieta, era boa aluna. A professora me gostava. Tinha que trabalhar, se ia na roça, não se trabalhava muito, mas afinal se ia, se ajudava o pai, ajudava a mãe. (Rosa).

Ariane (78 anos), também caracteriza a sua infância por dificuldades financeiras e pelo trabalho constante, no entanto, diferente de Ana, Rosa e Pedro, esta relata também a ausência de contato, diálogo e afeto familiar.

Era essa vida sem grandes... Nós tínhamos aquela situação de convivência, com as primas, mas não de participar de algum motivo, nós não éramos de participar. Era ficar em casa, não ir na casa das amigas para fazer brincadeiras. Enfim, uma infância... Pra não te dizer infeliz, mas quase isso. Porque nós tivemos uma fase quando meu pai se afastou de casa por um ano, e nós não sabíamos aonde ele estava, nós praticamente dependíamos dos parentes para sobreviver, para tudo. Então, me lembro que mais de uma vez: Toda a menina, o prazer dela é ganhar uma roupa nova, um calçado, mas não podia acontecer porque a gente não tinha posses. (Ariane).

Já para Nestor (83 anos), este também teve de trabalhar em sua infância, porém não de forma tão intensa como os quatro entrevistados. O bom contato e convívio familiar de Ana, Rosa e Pedro, também estão presentes na meninice de Nestor. Entretanto, diferenciando-se de

⁵ A linguagem dos entrevistados está transcrita de forma mais espontânea, conforme pronunciada durante as entrevistas, de forma que nem sempre está aplicada a norma culta da língua, considerando-se que trata-se de um trabalho com narrativas e a linguagem informal.

todos os entrevistados, a principal característica de sua infância é que desde pequenino vivenciou o desenvolvimento e as dificuldades de sua terra natal.

Minha filha, o que Muçum era! Porque Muçum tinha dois clubes, um time de futebol, um clube da juventude. Muçum teve grandes médicos, que eles trabalhavam onde hoje é o hotel Girardi. Quando eu era criança, ali eu tive a maior decepção da minha vida: quando uma mãe de família matou três filhos e suicidou-se, chamava-se da família Petri, era casada com um Vendramini, me marcou muito! Famílias daqui como Costi, Slongo, Zílio, Chittó que só deixam saudades... Grandes cantores, tenores, barítonos, que cantaram no coral Santa Cecília. Eu era criança e ficava maravilhado de ver o coral que tinha na igreja! (Nestor).

De acordo com Gullestad (2005 *apud* NEVES, 2013) analisar a infância, e sobretudo nas narrativas de vida, significa compreender como esta se idealiza e se constrói de maneiras distintas perante práticas e princípios de culturas específicas, que unidas determinam uma infância própria. O autor defende o estudo de infâncias específicas, e não o estudo da infância. Portanto, para entendermos as significações que os sujeitos participantes desta pesquisa conferiram as suas vivências e experiências de infância, é preciso compreender os entendimentos, as percepções e as análises dos próprios sujeitos sobre o mundo social.

Assim, é conveniente pensar que frente as narrativas aqui colhidas, podemos compreender os diferentes significados que os entrevistados conferem à infância e de que maneira os enunciados gerados para e sobre a infância em um determinado período afetam os distintos sujeitos que estão em diversas culturas e conjuntos sociais (NEVES, 2013). Pois, “[...] criança existe em qualquer lugar e em todas as épocas. O que se altera é a forma de cada sociedade perceber essa fase da vida, de delimitar seus contornos e suas possibilidades [...]” (CARNEIRO, 2011, p.128 *apud* NEVES, 2013, p. 18 - 19).

Entre os autores que se debruçaram sobre a temática da infância, Ariès (2012) se tornou referência. Para o autor, na época Medieval não havia um sentimento ou consciência de infância, esse período de vida contemplava até no máximo os quatro anos de idade das crianças e era considerado uma fase breve e frágil, na qual o indivíduo ainda não conseguia satisfazer por si só suas necessidades básicas.

O historiador ainda destaca que entre os séculos XVII e XVIII as crianças eram consideradas mini adultos, ou seja, eram mantidas pouco tempo no ambiente familiar, mas

assim que conseguissem realizar suas necessidades básicas com independência, logo circulavam entre o mundo dos adultos.

Séculos depois, podemos perceber o quanto este hábito foi alterado, o que é perceptível na fala de Ana, Ariane e Rosa que em momentos de reuniões familiares, festas ou “filós”, estas não podiam permanecer nos locais onde haviam adultos, era uma espécie de regra a qual ninguém ousava infringir.

Até os quinze anos, nós não sabíamos o que era baile, tinha que ir no salão, a mãe quando nós era pequena, botava nós na galeria em cima, nas cadeirinhas e assistia os outros dançando, não podia descer. Nós dormíamos, pegava no sono, eles colocavam um colchão. (Ana).

Às vezes vinham as vizinhas, tinha filó, e elas traziam as gurias, e as crianças participavam do filó. Então, lá no meu pai tinha a cozinha e a sala, e nós fechávamos a porta da cozinha e nós íamos na sala. Então, as gurizadas brincavam, cantavam, faziam um pouco de tudo. Se cantava “Beijinho Doce”, sei lá como era... Sertanejo... Canção assim que se sabia. Os pais ficavam na cozinha, tomando chimarrão, se contando suas histórias, e nós na sala. Aonde que tinha os pais era os pais, aonde que tinha as crianças era as crianças. Não podia misturar. (Rosa).

Já para Pedro e Nestor, estes circulavam em meio aos adultos, mas não com esta ideia de convívio comum com os adultos destacada anteriormente da obra de Ariès (2012):

E desde pequeno eu participava disso, tinha prazer! E Muçum era dotado de boas músicas, era uma fonte dos cinemas. E tinha um padre daqui, muito querido, chamado Luchino Viero, chegava a fazer três missas numa manhã. E a tarde era as reuniões futebolísticas que era no Fortes e Livres. O Fortes e Livres era o time mais aguerrido da região. Talvez o melhor futebol do Alto Taquari. (Nestor).

Percebe-se por exemplo, que para Nestor este convívio em meio ao mundo adulto era decorrente do forte envolvimento de seus familiares para com o desenvolvimento de seu município.

O meu pai também tocava gaita de botão, e o padrinho do meu pai que morava do outro lado do rio gritou: Oh, seu João sobe aqui pra cima pra toca um baile pra nós! E a mãe já ficou brava, não gostou muito. Aí nós se aprontamos, nós tínhamos

uns doze anos, era o máximo! Reunia umas vinte, quinze gurias, era baile a noite inteira! Galinhada, torta, uma comilança. Que barbaridade! Baile bom, tudo entre família! Botava a roupa mais ajeitadinha, e tinha as gurias do nosso tamanho também (risos). Então era bom! Uma vida boa! (Pedro).

Já para Pedro, a vivência com o mundo adulto era em função das crenças e valores, pois para eles a família deveria manter-se unida.

Também neste período (séculos XVII e XVIII) não existia nenhuma instituição especial para a educação de crianças. Os períodos da adolescência e da juventude nem eram cogitados na época, havia somente a transgressão entre o mundo dos bebês para o mundo dos homens jovens. (ARIÈS, 2012).

Portanto, nesta época não existia nenhuma percepção ou um conceito particular e específico para a infância. Além disso, não havia restrição de idade para as práticas sociais, como por exemplo: profissões, trabalho, jogos, ocupações e armas. Muito menos pudor quanto aos assuntos relacionados a sexo. Quanto ao vestuário, assim que os pequeninos pudessem deixar de lado os cueiros, logo eram vestidos como homens e mulheres. (ARIÈS, 2012).

Paulatinamente, com o passar dos séculos, o “sentimento de infância”, constituído concomitantemente ao “sentimento de família” estabelece-se nos mais variados contextos, porém, de uma forma mais tardia nas classes populares. Todavia, a concepção de infância implicou não só cuidados e um olhar especial voltado para esta faixa etária, mas também um “lugar de falta”, como exprime Kohan (2004):

[...] a criança carece de experiência, [...] necessita do auxílio adulto, [...] precisa ser protegida, [...] não está preparada... Considera-se também a infância um período de ausência de responsabilidades, de falta de autonomia ou mesmo de não seriedade. Há ainda quem julgue a criança incapaz de compreender ou fazer-se compreensível [...] (KOHAN, 2004, p. 20).

Para além da ideia de incapacidade e falta de razão, “[...] A infância tem sido histórica e socialmente vinculada à ideia de carência, falta, incompletude [...]” (KOHAN, 2004, p. 20). Podemos dizer que as teorias que tentam “capturar e classificar” o infantil, muitas vezes caracterizam a infância como esse lugar da falta. Mas é interessante observar que nas

entrevistas, ninguém se nomeia enquanto criança como “alguém sem razão, que não sabia das coisas”. A falta é nomeada em relação aos artefatos, brinquedos ou roupas, o que diz respeito a uma “falta” de ordem material.

A criança em si que fomos, em geral não a vemos como um lugar de falta, no sentido de uma personalidade que “ainda não é” quando criança, pelo contrário, ao rememorar a infância, vemos o quanto já sentíamos, pensávamos e o quanto não éramos apenas “seres pequenos” em vias de tornarmo-nos adultos.

Em consequência destas concepções podemos dizer que o universo adulto completa supostamente o que falta à infância. Desta forma, Kohan (2004, p. 20) afirma: “[...] Consideradas imperfeitas ou incompletas as crianças circunscrevem um modelo de infância que passa a ser aceito como natural e não como um conceito socialmente construído [...]”.

Juntamente com esta concepção, também havia a ideia de que a infância é um espaço único de tempo capaz de libertar os males do mundo. Ou seja:

À infância corresponderia um período da existência humana dotada apenas de ingenuidade, beleza, bondade e pureza do qual cada um se afastaria à medida do avanço da idade. A criança, neste caso, estaria inevitavelmente a macular-se com o passar do tempo [...] (KOHAN, 2004, p. 21).

Desta forma, primeiramente a criança seria bondosa e pura, e gradualmente seria histórica e socialmente formada, tornando-se impura e defeituosa. Esta percepção não deixava as crianças contarem seus conflitos, angústias, dúvidas, perguntas ou problemas.

Nossos entrevistados em vários momentos narraram o que “aprontavam” em suas infâncias. Portanto, de certa maneira, as falas abaixo contrariam a ideia de pureza e bondade do mundo infantil.

Uma vez a professora botou nós no castigo em quatro gurias pra varrer o salão. Ao redor do salão era tudo cadeira, e nós varremos até a metade. Aí, eu subi numa cadeira pra se exibir, e aí a outra veio também e nós começamos a correr em cima das cadeiras. E a minha tia morava embaixo, e ela contou pra professora. E a professora colocou nós de castigo, deixou nós sem recreio! (Ana).

Nós íamos tomar banho no rio, e o pai não queria que a gente ia, porque era perigoso de se afogar. Então ele dizia: Não vão brincar no rio, vão tomar banho e vem pra casa! Eu sei que uma vez nós fomos eu e um dos meus irmãos, e o pai tinha ido para Veranópolis resolver um problema. E nós estávamos brincando na água, e ele tinha um facão, e ele estava cortando um galhinho, uma vara. O facão tinha, fazia tim, tim, tim... Eu olhei e ele estava pegando uma vara, e nós pelados na água. Ah, ele deu uma puxada de vara em cada um, que a mãe em casa passou a salmoura nas nossas costas! Uma porção de varada! Mas eu não me arrependo, porque na verdade, senão nós tínhamos morrido no rio. (Pedro).

Percebe-se nas falas acima, que o castigo físico não foi comentado pelos entrevistados como algo sofrido, mas quase como “algo necessário” e justo. No entanto, as aflições, os problemas, os questionamentos, a falta de diálogo ou até mesmo a ausência do contato físico durante a infância, podem ser percebidos na fala de Ariane e Pedro.

Ariane é a única entrevistada que, com muita tristeza relata este escasso contato familiar, mostrando o quanto sentiu falta de manter um contato mais próximo com seus familiares, em especial com seus pais.

No meu relacionamento com a minha mãe, era aquela base assim... Eu nunca me esqueço que eu fui dá um beijo na minha mãe com vinte anos, porque a gente não tinha aquele contato. Ela era uma pessoa meio frustrada por causa dos acontecimentos... Meu pai teve um problema e teve que ficar ausente de casa quase um ano, isso também contribui para que ela se tornasse uma pessoa revoltada. E do meu pai é uma situação assim... Eu nunca dei um beijo no meu pai! Nós não tínhamos afinidade nenhuma, nem ele, digamos procurava. (Ariane).

Já Pedro destaca estas questões de conflito, carência de conselhos e de diálogo, também como uma falta, mas não de forma tão intensa quanto Ariane. Este entrevistado ressalta que se tivessem alguém com quem pudesse conversar e ser aconselhado, estes poderiam ter dado rumos e visões diferentes em sua vida, como por exemplo, apesar das dificuldades financeiras, batalhar por um estudo de qualidade, ou se aperfeiçoar em uma profissão. Na fala de Pedro, nota-se que de certa maneira ele se conforma com a situação.

Sonhar de fazer alguma coisa boa, naquele tempo não se pensava nada, sabe? Era só aquelas brincadeiras e trabalhar. Eu fiquei até os dezoito anos em casa, depois fui servir o exército, voltei e fiquei mais um ano na roça, aí eu voltei para o

batalhão. Ninguém falava alguma coisa importante para nós que pudesse.... Alguém dizia depois de grande. Se eu tivesse alguém importante, que falasse alguma coisa pra gente, de vir para Bento Gonçalves ou começar a trabalhar ali... Mas como nós ficamos lá no mato... Se criou tudo assim, trabalhador, todo mundo casou direitinho, nenhum bandido. (Pedro).

Diferentemente dos dois entrevistados acima referidos, os demais, Ana, Rosa e Nestor, apesar das dificuldades de suas épocas, relatam momentos de muito contato, conversa e união entre suas famílias, principalmente entre seus pais e irmãos, conforme excertos das falas abaixo:

Os pais ensinavam... Cuida... Faz tu aprende, tu vai. Eles apoiavam a gente. (Ana).

O pai era muito bom, ele nunca xingava, ele nunca surrava, só que quando ele chamava tinha que ser ligeiro, ir (risos). Se passava bem com o pai e a mãe, com os meus irmãos mais velhos. Se passava bem por isso. Nós nos dávamos bem com o pai e com a mãe. O pai gostava da gente, se ele ia fazer pasto, ele chamava nós junto e se levava um feixinho de pasto (risos). (Rosa).

Que eu me recordo, as senhoras de Muçum, tinham um clube teatral, Leopoldina Fróis. E o clube teatral se exibia e nós pagávamos uma insignificância, quinhentos reis, um cruzeiro, para assistir os dramas. Desde criança eu assistia, minha mãe me dava dinheiro pra ver os dramas. Meu pai nunca me negou dinheiro, coitado! Sacrificava-se e queria que eu fosse ver os dramas. Porque o que eu conto aqui é de coração! (Nestor).

Nestor não se detém na questão propriamente de expressão de afeto, envolvendo contato e conversa, mas de certa forma expressa o “apoio” dos pais para que tivesse acesso a bens culturais locais.

Kohan (2004) destaca a ideia de que a infância é vista como uma etapa dotada de vulnerabilidade, delicadeza e ausência:

[...] esta suposta e fascinante harmonia interior, a fantasiosa ausência de condicionamentos sociais, a aparente rejeição à limitação adulta aproximariam a infância de um paraíso cronologicamente perdido. Ainda assim, a noção de carência permanece. Há a carência de malícia, a falta de perspicácia (KOHAN, 2004, p. 21).

Esta ideia de fragilidade se contraria, quando nos deparamos com a infância de Pedro e Ana, que desde pequeninos já lidavam com o comércio de produtos coloniais que eram vendidos para o sustento financeiro de suas famílias, demonstrando destreza e habilidade para com uma atividade dita de “adulto”.

Eu pequenininho já ia vender fruta para ajudar em casa. Ia de caíque para vender, tinha a barca e lá ficava todos os caminhões que vinham de Veranópolis, e a gente levava fruta, aí que vendia tudo. O dinheiro que ganhava dava para o pai e para a mãe, tinha que fazer o rancho, porque nem tudo a gente colhia. Mas a gente se defendia mais ou menos! Aproveitava ia para o colégio e lá eu já vendia. Então eu vendia peixe para os meus colegas, mas eu tirava uma porcentagem para mim, já que eu tinha que levar, vender e trazer o dinheiro de volta (risos)! Se não fosse assim eu não levava! Mas eu desde piá, dez anos eu sabia fazer muito bem conta viu? Vendia os peixes e sabia todos os quilos, gramas, o troco. Na minha cabeça eu tinha tudo prontinho, porque sabendo um pouquinho, tu sabe se defender, senão as pessoas mais velhas te passavam pra trás, e eu chegava em casa e tinha que prestar conta pros meus irmãos. (Pedro).

Então, a gente fazia maço de palha, fazia até para vender. Fazia um rolo grosso assim e vendia no armazém. Eu pagava com aquilo [materiais para bordar que eram comprados a partir da venda dos maços de palha]. Ele ficava com a palha, para fazer cigarro, ele me passava o rio ali, trezentos réis, quatrocentos réis, depois aumentava... Assim. (Ana).

Rousseau (1995) vislumbrava uma infância que não seria “corrompida” caso as crianças fossem isoladas do convívio dos adultos, evitando assim que se tornassem más. O autor acreditava que o homem era bom por natureza e que a sociedade o corrompia, para isso era “[...] preciso apará-lo à sua maneira, como uma árvore de seu jardim” (ROUSSEAU, 1995, p. 7). Assim, em sua obra “*Emílio ou da Educação*” (1995), o escritor retrata exatamente esta ideia: apresenta no decorrer do livro como se deve agir com a educação das crianças, no qual o menino Emílio é o exemplo.

Moldam-se as plantas pela cultura, e os homens pela educação. Se o homem nascesse grande e forte, a estatura e a força ser-lhe-iam inúteis até que tivesse aprendido a servir-se delas; ser-lhe-iam prejudiciais, pois impediriam que os outros pensassem em socorrê-lo e, entregue a si mesmo, morreria de miséria antes de ter conhecido suas necessidades. Queixamo-nos da condição infantil e não vemos que a

raça humana teria perecido se o homem não tivesse começado por ser criança (ROUSSEAU, 1995, p. 8).

Portanto, conforme a citação, o autor não considerava a criança como um “mini adulto”, e defendia um tratamento diferenciado que respeitasse suas particularidades. Assim, dentro desta perspectiva, Rousseau (1995) considerava importante educar os pequeninos para a vida em sociedade e para que não se perdessem nela.

Desta maneira, para concretizar a ideia de infância, seriam necessárias mudanças a partir das quais as crianças não vivessem em ambientes iguais aos dos adultos, encontrando outro mundo para as crianças viverem.

Ariane é a única entrevistada, que com muita tristeza traz esta questão da ausência de um tratamento singular quando criança. Não porque esta quisesse ser “mimada” ou ser o centro das atenções, mas ela julga ser necessário ter tido uma atenção, um cuidado e um contato maior e diferenciado que toda a criança merece ter. Ariane ressalta que atualmente este tratamento diferenciado evoluiu muito, sendo a criança um ser almejado e cuidado antes mesmo do nascimento.

Quando nasce uma criança numa família é uma festa. Depois essa criança tem o carinho de todos, se os pais têm condições, essa criança tem tudo o que precisa, todos gostam. Nem comparar com o nascimento da criança agora, com antigamente. Apesar que só tinha um detalhe, a mãe não se afastava dos filhos, a mãe que criava os filhos, nunca botava uma empregada pra cuidar, é lógico que tinham os que tinham posses, mas na maioria dos casos, a obrigação da mulher era cuidar da casa, o pai pagava as coisas, mas ela que tinha que prover alimentação, roupas, tudo era feito em casa... Olha, meu pai faleceu com quarenta e quatro anos, e minha mãe tinha a mesma idade, e faz anos que ela faleceu. Então, era uma situação assim, era uma convivência mas não de ter uma brincadeira, de ter... Isso eu nunca tive dos meus pais. (Ariane).

Embora a pesquisa de campo tenha trazido à tona dados referentes aos séculos XX e XXI, pelo fato de os entrevistados se referirem as suas próprias infâncias e à infância atual, são perceptíveis algumas mudanças que ocorreram de forma mais tardia em nosso país e em determinados contextos econômicos. Ariès (2012) situa que somente a partir do século XVII, que houve mudanças significativas em relação à infância: a criança se torna o centro das

atenções da família. Aos poucos, a instituição familiar se organiza em torno das crianças, dando-lhes a devida importância que até então era desconhecida: a criança torna-se fonte de prazer para o adulto, este começa a expressar seus sentimentos em relação à criança. O Estado por sua vez, demonstra interesse em formar o caráter das crianças, surgindo inúmeras instituições que separavam os pequenos do mundo adulto, entre elas, a escola. Assim, a criança conquista um novo espaço, tanto dentro como fora da família (ARIÈS, 2012).

Assim, percebe-se que ao longo do tempo, houve diversos momentos históricos, pesquisas e estudos que buscaram compreender a infância. Contrariando esta ideia, Kohan (2004) critica esta questão de que a infância é unicamente transformada para e em objeto de estudo e pesquisa. Assim, para o autor, já sabemos muito sobre a infância e não temos nada a dizer a respeito dela. Porém, Kohan (2004) problematiza:

[...] Se não há mais o que dizer sobre a infância, talvez tenha chegado o momento de aprendermos com as crianças o que a infância nos tem a dizer. Talvez a infância, assim como a poesia, não precise ser analisada, mas sentida [...] (KOHAN, 2004, p. 22).

Por isso, este Trabalho de Conclusão de Curso tratou a questão da infância a partir de outra ótica: não pensou a infância apenas como uma questão cronológica, um período da vida humana que ocorre desde o nascimento e vai até a puberdade, mas também como uma etapa de experiências e vivências com o mundo.

[...] Não associaremos infância a crianças. Não atenderemos a idades. Não pressuporemos uma temporalidade linear. Não nos preocuparemos com o que a infância pode ser, mas com o que ela é. Asseveraremos a infância como símbolo da afirmação, figura do novo, espaço de liberdade. A infância será uma metáfora da criação do pensamento; uma imagem de ruptura, de descontinuidade, de quebra do normal e do estabelecido [...] (KOHAN, 2011, p. 116).

Isto pode ser notado no discurso de Ana e Pedro que nos mostram que suas infâncias duraram até os vinte anos de idade, faixa etária esta, que de certa forma a sociedade considera uma “fase adulta”.

Pular corda, pular sapata, jogar bola no campo até os vinte anos! (Ana).

A nossa diversão até os dezessete anos, era caçar e pescar. A gente morava no meio no mato, e nos sábados e domingos essas eram as nossas diversões. (Pedro).

Conforme a citação acima e com as falas de Ana e Pedro, estas nos levam a pensar que a infância está em nós, e para muito além do tempo em que fomos crianças. Portanto, esta é a infância da potência, da experiência. Nota-se o quanto a infância é ampla para os entrevistados, do quanto ela não pode ser limitada a uma etapa em específico e do quanto até hoje temos a criança que fomos no passado em nós, com suas percepções, marcas, faltas, etc.

Acredito e defendo a visão de que a infância não é somente uma questão de idade, mas uma condição da experiência. É preciso pensar para além da temporalidade. A título de exemplo, os gregos possuem mais de uma palavra para referir-se ao tempo. São elas: *chrónos*, *kairós* e *aión*.

Chrónos é “[...] a continuidade de um tempo sucessivo [...]” (KOHAN, 2004, p. 54). Nesta ideia, o tempo é a junção do passado, presente e futuro, “[...] sendo o presente um limite entre o que já foi e não é mais (o passado) e o que ainda não foi e, portanto, também não é mas será (o futuro) (KOHAN, 2004, p. 54). Já *Kairós* indica “[...] ‘medida, ‘proporção’, e, em relação ao tempo, ‘momento crítico’, temporada, oportunidade [...]” (LIDDELL, SCOTT, 1966 *apud* KOHAN, 2004, p 54). E por fim, *Aión* que designa “[...] a intensidade do tempo da vida humana, um destino, uma duração, uma temporalidade não numerável nem sucessiva, intensiva” (LIDDELL, SCOTT, 1966 *apud* KOHAN, 2004, p 54).

Desta forma, percebe-se que a infância não é somente uma etapa com números “[...] mas um reinado marcado por outra relação – intensiva – com o movimento. No reino infantil que é o tempo não há sucessão nem consecutividade, mas a intensidade da duração [...]” (KOHAN, 2004, p. 55).

Deleuze (*apud* KOHAN, 2004) também menciona dois modos de tempo: o devir e a história:

[...] A história é a sucessão de efeitos de uma experiência ou acontecimento. De um lado, então, estão as condições e os efeitos; do outro lado, o acontecimento mesmo, a criação [...]. De um lado, está o contínuo a história, *chrónos*, as contradições e as maiorias; do outro lado, o descontínuo: o devir, *aión*, as linhas de fuga e as minorias. Uma experiência, um acontecimento, interrompem a história, a revolucionam, criam uma nova história, um novo início. Por isso, o devir é sempre minoritário (KOHAN, 2004, p. 60).

Nota-se, que o devir não trata de infantilizar a infância, mas poder pensá-la através desses encontros entre a história e suas projeções, uma vez que o devir é singular para cada indivíduo. Para Kohan (2004):

[...] o devir não é imitar, assimilar-se, fazer como um modelo, voltar-se ou tornar-se outra coisa num tempo sucessivo. Devir criança não é tornar-se uma criança, infantilizar-se, nem sequer retroceder à própria infância cronológica [...] Um devir é algo 'sempre contemporâneo', criação cosmológica: um mundo que explode e a explosão do mundo (KOHAN, 2004, p. 64).

Assim, perante as explicações feitas sobre as diferenças entre *chrónos* e *aión*, e com base nas distintas e singulares histórias de cada entrevistado aqui relatadas, nota-se que estes conceitos e estas narrativas nos auxiliam a pensar a infância.

De certa forma, há duas infâncias: a infância majoritária, da sequência cronológica, das histórias e das fases de desenvolvimento (KOHAN, 2004), e a infância minoritária, que aqui defendo em minha pesquisa, de uma infância:

[...] da experiência como acontecimento, como ruptura da história, como revolução, como resistência e como criação. É a infância que interrompe a história, que se encontra num devir minoritário, numa linha de fuga, num detalhe; a infância que resiste aos movimentos concêntricos, arborizados, totalizantes [...] É a infância como intensidade, um situar-se intensivo no mundo; um sair sempre do 'seu' lugar e se situar em outros lugares, desconhecidos, inusitados, inesperados (KOHAN, 2004, p. 63).

No entanto, é necessário dizer que estas duas infâncias se cruzam, se conectam e se confundem. Nem uma nem a outra infância são excluídas. Independente disso, concordo com o que Kohan (2004) destaca:

[...] O que está em jogo não é o que deve ser (o tempo, a infância, a educação e a política), mas o que pode ser (poder ser como potência, possibilidade real) o que é. Uma infância afirma a força do mesmo, do centro, do tudo; a outra, a diferença, o fora, o singular. Uma leva a consolidar, unificar e conservar; a outra interromper, diversificar e revolucionar (KOHAN, 2004, p. 63).

Conforme os entrevistados, estes possuem diferentes visões e opiniões sobre o que é infância, algumas até se assemelham e se compartilham, mas é preciso ressaltar que isso é devido às suas vivências e experiências. O importante é advertir que nem uma ou outra visão seja correta ou errada.

Ana e Ariane caracterizam a infância como uma carência, pois estas passaram por grandes dificuldades financeiras, não tendo oportunidades de ter brinquedos, roupas e alimentos que toda a criança gostaria de desfrutar:

Uma carência, porque a gente não tinha o que as outras podiam ter. Às vezes a gente dizia: Eu não vou lá mãe, eu não tenho sapatinho de botar, era tênis e tinha que guardar ele muito bem, cuidar dele, porque se tu ia na missa era o tênis, na aula às vezes de pé descalço e às vezes de chinelinho (Ana).

Uma infância feliz não foi, foi uma infância muito carente. Carência. Nós tínhamos que nos submeter a situação da vida da gente. Tínhamos alimentação, as coisas necessárias. Tudo era ali regrado. (Ariane).

Para Rosa e Pedro a infância remete ao divertimento e à alegria, pois apesar de também enfrentarem dificuldades econômicas, como de vestuário, alimentação e brinquedos, quando criança, estes se reuniam com amigos e familiares para curtir momentos de lazer e descontração:

Infância seria ir se visitar ou convidar uma mulher pra ir se visitar, conversar, se contar histórias. Eu estava sempre alegre, feliz. Sempre fui alegre, sempre... (Rosa).

Alegria, porque nós nos criamos bem. Por exemplo, eu apanhei diversas vezes, mas pior se não apanhasse e o pai e a mãe incentivassem nós a tomar banho e morresse no rio. Apanhamos em benefício nosso. Se eu tivesse filho pequeno agora, eu também não ia gostar que eles fossem pro rio, porque água é perigosa! Foi uma infância boa! (Pedro).

Já Nestor visualiza a infância como um momento de extrema beleza e exuberância, uma vez que este usufruiu de uma infância repleta de bailes de gala, convívio com pessoas renomadas, cinema, teatro e principalmente com o auge do desenvolvimento de seu município. Ao perguntar para Nestor como foi sua infância, ele respondeu:

Linda! Conheci músicos como Alberto Chittó, que me ajudou a fundar o CTG. O Alberto Chittó era um homem muito bom (choro). Muçum tinha fábrica de armas, fábrica de fogões, fábricas de artefatos de ferro. (Nestor).

Ao analisar as narrativas dos entrevistados, deparei-me com diferentes percepções sobre a infância, o que foi importante para mim como pesquisadora, por perceber as diferentes formas como as pessoas revivem e elaboram o seu passado. Nestor, Rosa e Pedro, descreveram suas infâncias, narrando lembranças boas, como por exemplo, a roça, o rio, a família ou a cidade. Ana e Ariane, diferentemente de Nestor, Rosa e Pedro, narraram suas infâncias marcadas de carência e sacrifício, como por exemplo, a falta de roupas e brinquedos. Nesse sentido, podemos considerar que:

[...] ao mesmo tempo em que as infâncias escritas tendem a registrar uma infância feliz, elas também assinalam a potencialidade das memórias e autobiografias como fontes para se estudar a infância enquanto categoria sócio histórica, na medida em que apontam para especificidades nas representações próprias do sujeito narrador/a e sua forma de estar no mundo (gênero, classe social, origem geográfica, pertencimento étnico, entre outros) [...] (NEVES, 2013, p. 41).

Portanto, neste Trabalho de Conclusão de Curso, desejei enfatizar o conceito de infância baseando-me no pensamento de Kohan (2007): uma infância de “[...] palavras nascentes [...]” (p. 9), ou seja, aquelas palavras que nos fazem pensar outras coisas, de diferentes maneiras. Estamos saturados de pensamentos prontos, incapazes de nos abriremos ao novo, à incerteza. Acredito e defendo que não devemos nos limitar a uma ideia de infância, pois esta necessita ser descoberta, experimentada e vivenciada.

As reflexões feitas acerca das variáveis que podem interferir no modo como cada indivíduo vivencia a infância revelam não uma criança e uma infância universais, essenciais, mas sim possibilidades de crianças e de infâncias, que variam conforme o contexto analisado [...] (NEVES, 2013, p. 70).

A infância é uma constante criação e invenção, um exercício de pensar sem limites e sem fim, não existe um conceito único para defini-la. O poeta Manoel de Barros explica um pouco dessa desconstrução em seu poema *Achadouros* (2008):

Acho que o quintal onde a gente brincou é maior do que a cidade. A gente só descobre isso depois de grande. A gente descobre que o tamanho das coisas há que ser medido pela intimidade que temos com as coisas. Há de ser como acontece com o amor. Assim, as pedrinhas do nosso quintal são sempre maiores do que as outras pedras do mundo. Justo pelo motivo da intimidade. [...] Mas eu estava a pensar em achadouros de infâncias. Se a gente cavar um buraco ao pé da goiabeira do quintal, lá estará um guri ensaiando subir na goiabeira. Se a gente cavar um buraco ao pé do galinheiro, lá estará um guri tentando agarrar no rabo de uma lagartixa. Sou hoje um caçador de achadouros da infância. Vou meio dementado e enxada às costas cavar no meu quintal vestígios dos meninos que fomos. Hoje encontrei um baú cheio de punhetas (BARROS, 2008, p. 67).

Parafraseando Manoel de Barros, também me vi mobilizada pela pesquisa e através das narrativas de idosos, fui uma “caçadora de achadouros” de infância.

Percebe-se que neste poema há duas infâncias: a da cronologia, e a de um tempo intenso, presente. “A primeira remete à nossa biografia primeira, às crianças; a outra não tem idade, diz respeito à potência de cada idade [...] (KOHAN, 2007, p. 91). Desta forma, através deste poema de Manoel de Barros, podemos

[...] inverter esse olhar: pensar a infância desde outra marca, ou melhor, a partir do que ela tem, e não do que lhe falta: como presença, e não como ausência; como afirmação, e não como negação, como força, e não como incapacidade (KOHAN, 2007, p. 101).

Esta inversão de olhar, esta percepção de pensar a infância a partir de uma outra lógica, pode ser notada na fala de dona Rosa, que quando questionada se fosse possível voltar à infância, respondeu:

Se teria vontade sim! Mas a gente não tem mais força de brincar. (Rosa).

A entrevistada não pôs a idade como um empecilho, mas somente a questão física em função da sua idade. É interessante pensar na questão de que a vontade de brincar ainda pulsa dentro dela, mas que normalmente costumamos delegar o brincar somente ao mundo "infantil". Assim, a questão sobre o que é infância, não tem uma resposta única e homogênea.

[...] a infância é o acontecimento que impede a repetição do mesmo mundo, pelo menos a sua possibilidade, um novo mundo em estado de latência. Somos nascidos a cada vez que percebemos que o mundo pode nascer novamente e ser outro, completamente distinto daquele que está sendo. O nome de uma faculdade chamada criação, transformação, revolução; isso é a infância (KOHAN, 2007, p. 112).

Como já dito anteriormente, esta pesquisa tratará de narrativas, experiências e histórias de infância de idosos. Kohan (2007) aborda esta questão de que “[...] experiência e infância são condições de possibilidade de uma existência humana que se preze como tal, não importa sua idade [...]” (KOHAN, 2007, p. 113). Portanto, creio que este pensamento, se conecta exatamente com o cerne deste Trabalho de Conclusão de Curso: Por que os idosos não podem mais falar de infância? Por que são velhos? Quais os espaços de escuta possibilitados aos idosos para falar sobre infância? Como estimular a narrativa, de modo a evocar memórias, vivências, histórias e experiências que remetam à infância?

É exatamente esta problematização que desejo fazer: não é por que são idosos, que estes indivíduos não possam inventar, recriar e vivenciar suas infâncias. Ana, uma das entrevistadas, em um momento de descontração e alegria, cantarolou uma música do seu tempo de criança:

O tropeiro que adora essa vida/ Ele anda de cá pra lá/ Ele tinha um cachorro perdigueiro/ E o seu cavaleiro que vinha... (Ana).

Ana também relatou com euforia e nostalgia um momento que reviveu e relembrou um período de sua infância:

Era um tamanco de madeira, em cima era couro. Um tamanquinho, que esses dias eu passei lá na agropecuária, e eu vi e meu deu saudades (risos). Não tinha o meu número, senão eu tinha comprado um. Então aquilo escorregava e tu ia numa recosta e tu caía porque era muito liso. (Ana).

É interessante observar que embora as características do tamanco tenham sido descritas como um calçado que era escorregadio, Ana demonstrou vontade de ter novamente um tamanco igual. Neste caso, o objeto em questão parece que poderia suprir em certa medida uma necessidade de reviver o passado.

Kohan (2007) defende “[...] uma infância da e na experiência, uma infância da e na história” (KOHAN, 2007, p. 113). Ainda segundo o autor “[...] experiência e infância são

condições de possibilidade de uma existência humana que se preze como tal, não importa sua idade [...]” (KOHAN, 2007, p. 113).

Grande parte de nossa sociedade, não admite que o idoso “seja criança”, uma vez que este se encontra na fase “final” de sua vida, portanto encontra-se “impossibilitado” de viver momentos de diversão, alegrias, descobertas e experiências. Esta questão pode ser percebida em uma das entrevistas realizadas. Ariane ao ser questionada sobre o que gostaria que fosse diferente se pudesse ser criança outra vez, esta respondeu:

(risos) Eu queria ter uma família assim, como é interessante que minha mãe teve muitos irmãos, e todos formaram família de muita união, sabe? Então aquilo deixava a gente até magoada. Mas eu não sei se é Deus que determina como vai ser a nossa vida... (Ariane).

Assim, nota-se que a entrevistada reagiu (risos) e considerou a pergunta um tanto curiosa e estranha, uma vez que esta, em inúmeros momentos da entrevista reitera considerar-se um indivíduo com idade avançada, não permitindo-se deleitar ou sonhar em voltar à infância. Infância não significa “sujeitos com pouca idade”. Segundo Kohan (2007):

[...] a infância exige pensar numa temporalidade para além do tempo ‘normal’ da existência humana, das etapas da vida e das fases do desenvolvimento. A infância tem muito a ver com uma possibilidade de intensificar uma certa relação com o tempo, de instaurar um outro tempo [...] (KOHAN, 2007, p. 113).

Uma infância para além do tempo dito “normal” pode ser sentida nas falas expressadas por dona Rosa:

Eu sentiria saudades de ser ainda nova, de como era uma vez. Seria até bom se fosse de voltar a ser criança, mas não se volta. (Rosa).

É conveniente notar o quanto a vontade de voltar à meninice ecoa dentro dela, independente de sua idade. Desta forma, acredito que precisamos aprender a pensar a infância a partir de outra lógica, aprender a senti-la, aprender a dialogar, a questioná-la, a problematizá-la, a inventar e reinventá-la e a refleti-la em nossos pensamentos, sentimentos e anseios. Precisamos aprender a vê-la além.

[...] Aprender é traduzir. Traduzir é inventar. Inventar é inventar-se. Inventar-se é escutar o que não se escuta, pensar o que não se pensa, viver o que não se vive. A infância fala uma língua que não se escuta. A infância pronuncia uma palavra que não se estende. A infância pensa um pensamento que não se pensa [...] (KOHAN, 2007, p. 131).

Acredito, portanto, que registrar, lembrar, “revisitar” histórias e memórias de infância, são de extrema importância e contribuição para se pensar e analisar a mesma. Ou seja, a infância da “invenção”, como já dita pelo poeta Manoel de Barros que em seu livro *Memórias Inventadas* (2008) faz uma alusão à ideia de tudo aquilo que é inventado. Para o poeta, só existe verdade quando há invenção. É dessa infância desafiadora, que estou falando: a infância que cria o novo e não recria em cima daquilo que já está imposto.

“Há mundo novo, criação, transformação porque há infância [...]. A infância é o reino do ‘como se’, do ‘faz de conta’, do ‘e se as coisas fossem de outro modo...?’, a forma única e, a uma só vez, múltipla de todo acontecimento [...]” (KOHAN, 2007, p. 111). Ou seja, não existe um único tipo de infância, pois cada indivíduo a vivencia de formas diferentes, com modos e significados que lhe são próprios. Reitero que isto é notoriamente visto através das narrativas dos sujeitos entrevistados para esta pesquisa.

Mais que isso, acredito ser necessário vivenciá-la para além do período que é destinado a ela, ou seja, para além da época em que fomos literalmente crianças. Isso é maravilhoso! Acredito que é neste ponto o verdadeiro sentido e significado da infância.

3.1 Pequenos trabalhadores

O trabalho era marca registrada na infância de todos os entrevistados e realizado simultaneamente com o estudo, o brincar e o convívio familiar. Segundo Kassouf (2007 *apud* NEVES, 2013) o trabalho infantil era, e ainda é elemento da vida de inúmeras crianças pobres do nosso país. Desde a metade do século XVI, as crianças filhas de escravos tinham que acompanhar suas famílias nas mais variadas atividades que envolviam a mão de obra escrava. Com a chegada da Revolução Industrial, no final do século XIX e início do século XX, os pequeninos também trabalhavam como operários nas fábricas.

Atualmente, poderíamos citar diversos exemplos de trabalho infantil, como crianças que trabalham para donos de terras, em produções agrícolas ou artesanais, em casas de família ou nas ruas (RIZZINI, 2009).

O mais interessante é que apesar de tão pequeninos já estarem trabalhando e se deparando com dificuldades, Ana, Nestor, Rosa e Pedro relatam a questão do trabalho como algo de diversão, um momento de lazer e interação familiar.

Eu trabalhava, e quando tinha uns doze anos, tinha uns vizinhos que foram embora para Nova Prata. E depois de um tempo o rapaz voltou a parar lá em casa, e nós éramos muito amigos, e lá na roça batendo feijão, milho... E o meu irmão mais velho fazia nós lutar na roça, e quando a barra pesava ele apartava. Bastante tempo assim, depois o rapaz foi embora. (Pedro).

Ia para casa, fazer o serviço, não tinha nada de moleza! A gente tinha que trabalhar ou pegar o cavalo e botar os balaios em cima, ir para a roça encher de pasto e vir para casa. E de tardezinha era a mesma coisa. Se eles deixavam o pasto pronto tu tinha que pegar o cavalo e ir lá buscar o pasto. Nós íamos lá no morro capina, numa recosta, numa subida, pedra... E nós íamos capinando e cantando. Então, a Lurdes ia junto e ela já usava muleta, jogava a bengala pra frente, ia até lá capinava, e lá ela pegava jogava mais adiante, assim continuava, nós íamos até... (Ana).

Meu pai desde pequeno me botou pra trabalhar no moinho, eu fui balseiro, levava madeira pra Porto Alegre, com oito, nove anos, nadava que era um peixe! Eu tinha verdadeira adoração por Muçum! Porque aqui em Muçum era maravilhoso! (Nestor).

Trabalhar! Se divertia nos domingos porque fora da semana tinha que se trabalhar, ir na roça. (Rosa).

Já para Ariane, o trabalho não é visto de forma satisfatória. Suas lembranças se reportam a sentimentos e recordações tristes.

A nossa vida não era de muito... Durante a semana nós estudávamos de manhã e de tarde. E às vezes quando se voltava do colégio, a gente tinha um tempinho para brincadeiras, pular corda, mas sempre tinha que ajudar em casa, então era uma coisa que a gente se conformava, aceitava, achando que era uma coisa normal. (Ariane).

Observa-se que entre todos os entrevistados, o trabalho era uma necessidade, pois precisavam auxiliar suas famílias no sustento de casa. Talvez exatamente por ser uma necessidade, a maior parte deles não via o trabalho como algo negativo.

3.2 Brincadeiras e brinquedos

A criança “[...] faz a bola de meia, os tacos para jogar a “casinha”, escolhe os botões para o futebol, coleciona figurinhas para o “abafa”. Constrói o carrinho de rolimã, o cavalo de pau, a boneca de pano” (ALTMAN, 2009, p. 254). Assim, quem brinca, brinca por brincar, por deleite.

O brincar de todos os entrevistados foi desfrutado através de: futebol, caçador, esconde-esconde, ovo choco, bolita, peteca... Para Ana, Nestor, Rosa e Pedro, os jogos eram realizados ao ar livre e com muitas pessoas, como amigos, vizinhos, primos ou irmãos.

Pescar, caçar passarinho, bolita, futebol. Nós brincávamos em casa, no terreiro, na roça era só lutar (risos). Nós tínhamos uns treze, catorze anos. E peteca, nós gostava! No inverno nós colocávamos uma vara e se disputava em quatro, cinco ou seis, quem perdia caía fora. (Pedro).

Se brincava de roda cutia, esconde – esconde, ovo choco, boneca de milho. Se tirava a espiga, os cabelinhos, então se fazia que tinha cabelo, depois se pegava uns paninhos e se fazia as roupas. Gostava de todas as brincadeiras. Se reunia e se brincava menino e menina, pra lá e pra cá. (Rosa).

Jogar peteca, depois que a gente foi se conhecendo, mais amigas, se juntava em dez, doze gurias, que nós era tudo pertinho, nós jogávamos peteca. Então era peteca, jogo de futebol, se correr atrás, se esconder... (Ana).

Soldado e ladrão, joguinho de botão, coleciono selos e moedas, que tenho até hoje e vou deixar pra meus descendentes. A preferida era colecionar. (Nestor).

É importante salientarmos esta fala de Nestor, pois até hoje ele guarda uma relação próxima com o ato de colecionar, pelo fato de mencionar que ainda guarda as coleções e quer deixá-las para seus descendentes. É algo que tem um valor muito significativo para ele, por isso está implicada a ideia da herança.

Ariane também usufruía destes tipos de jogos ao ar livre, porém os indivíduos com quem ela os jogava, devia ser somente do sexo feminino, visto que esta estudava em um colégio de freiras, no qual esta tradição era muito respeitada. Portanto, era proibida a interação entre meninos e meninas.

Não! No colégio de freiras, nunca! A coisa era muito rígida, só meninas com determinadas situações que a gente era obrigada a obedecer, não podíamos faltar à missa no domingo, tínhamos que fazer a tal da comunhão. Pular sapata, caçador, jogar bola, eu adorava caçador. (Ariane).

Os brinquedos ditos industrializados não existiram na infância de Ana, Ariane, Rosa e Pedro. Nota-se em suas narrativas o quanto foi marcante para os sujeitos quando crianças não terem um brinquedo.

Nós éramos de brincar de bonecas, fazer casinhas. As bonecas eram feitas de pano, as mães que faziam as bonecas para as filhas. Depois então nós arrumávamos com coisas comuns a mesa, mas tudo coisa muito rústica, nada de ter comprado um brinquedo, não se tinha essas coisas. (Ariane).

Que brinquedo! Nem se sabia o que era brinquedo! (Rosa).

A gente não tinha, nós fazíamos os brinquedos. (Pedro).

Brinquedos? Nada! Era tudo coisinha que tu podia comer. Pra brinquedo não se ganhava. A gente via as outras com boneca, a gente ficava com vontade de ter uma boneca. (Ana).

Somente Nestor, por possuir condições financeiras um pouco melhores, teve acesso a estes tipos de brinquedos.

Uma vez eu ganhei um carrinho que até hoje eu tenho a fotografia, que quando eu fiz um aninho meu pai me deu esse carrinho. E eu com aquele carrinho me achava de ser o dono do mundo! Ah, e sempre eu gostei de flor, uma vez ganhei um outro carrinho cheio de flor da minha finada mãe, que até hoje guardo as fotografias. (Nestor).

Observa-se, que no decorrer destas narrativas, está presente a diferença de gênero, de ser menina ou menino, elemento que expressamente interfere na forma como cada indivíduo representa e define “[...] a criança que foi no passado [...]” (NEVES, 2013, p. 42). Esta

influência é possível de ser percebida no brincar e nos tipos de brinquedos dos sujeitos participantes desta pesquisa.

Podemos notar que para Ariane, a questão do gênero é relevante tanto nos brinquedos como nas brincadeiras. Quanto aos brinquedos, Ariane basicamente menciona as bonecas, objeto classificado socialmente como sendo de menina. Quanto às brincadeiras, Ariane cita o brincar de casinha, o dançar e o fazer comidinha, que de certa maneira são consideradas brincadeiras mais suaves e delicadas para meninas. A entrevistada também faz referência a brincadeiras ditas masculinas, como o caçador, que requer força e agilidade, mas mais uma vez é importante destacar que Ariane desfrutava desta e outras brincadeiras somente com pessoas do sexo feminino.

Para Pedro e Nestor, as brincadeiras e os brinquedos preferidos de meninos também estão presentes em seus discursos, como: soldado e ladrão, lutar, jogar futebol, bolita, carrinhos, colecionar selos. No entanto, é necessário ressaltar que esta distinção de gêneros não ocorria de forma tão intensa tal qual narrada por Ariane, pois estes também brincavam com pessoas do sexo oposto, sem nenhuma objeção.

Contudo, para Rosa e Ana, a questão do gênero em sua infância não era levada em consideração, pois observamos em seus discursos que estas circulavam, brincavam e usufruíam de brinquedos elencados como sendo de meninos. Um exemplo claro disto era o futebol e as reuniões entre gurias e gurus.

3.3 O dia a dia

Quanto às ocupações do dia a dia, podemos dizer que para todos os entrevistados, as atividades basicamente se restringiam ao estudo, ao trabalho, ao cuidado para com os entes familiares e um pouco ao lazer com amigos, vizinhos ou família.

De manhã se acordava tinha que ir para o colégio, vinha, almoçava, e tinha que levar o almoço pros pais que estavam na roça. Ficava lá, voltava, tratava os animais, tomava banho, jantava e dormia. Um dia se jogava mora, dava uma volta para caçar ou pescar. (Pedro).

Quando se era mais novinha, de manhã se acordava todo mundo, se tomava café. Então, quem ia pra roça, ia pra roça, e quem era mais novinho ficava com a mãe. A mãe sempre dizia: Vai buscar um pedacinho de lenha, vai buscar uma coisa, vai debulhar milho! Se ia pra escola de manhã, de meio dia se almoçava, quem podia ir junto com o pai ia para a roça ajudar, e quem não podia ficava em casa fazer o servicinho pra mãe. Tudo assim. De tarde depois que se terminava de fazer o serviço, se fazia os temas. (Rosa).

Olha, a minha vida era... Sair de casa a gente não saía, era restrita a convivência com os parentes, nós gostávamos de brincar muito no rio, era só atravessar a rua, eu tinha obrigações que me deixavam muito angustiada. (Ariane).

(choro) Meu pai tinha barco, eu comecei minha vida conhecendo Pelotas e eu convivi com essa gente! (Nestor).

A gente só sabia cuidar das crianças pequenas dos outros, que outras coisas nós não tinha. Ir na missa no domingo, porque nós não via a hora de vir domingo para ir na missa. (Ana).

Do mesmo modo, nas narrativas acima, percebemos a questão do gênero, quanto aos ensinamentos vivenciados pelas crianças no ambiente familiar. As falas de Ana, Rosa e Ariane, mostram que as tarefas domésticas e a aprendizagem de certas habilidades, ditas femininas, eram intensamente presentes em suas infâncias. Portanto, é nas tarefas domésticas do dia a dia, que visualizamos as diferenças dos fazeres de Ariane, Ana e Rosa (femininos), para com os fazeres de Pedro e Nestor (masculinos).

Desta maneira, nota-se que as meninas eram ensinadas a aprender habilidades domésticas, enquanto os meninos ficavam mais próximos à rotina masculina, como denota Nestor e Pedro, que mencionam atividades ditas braçais, bem como pescar, caçar, lidar com o gado, viagens e passeios.

Conforme Maluf e Mott (1995 *apud* NEVES, 2013), as décadas iniciais do século XX são caracterizadas e propagaram-se pela construção e representação de um ideal de comportamento feminino, restringindo a mulher às questões do lar. Ainda segundo os autores, estas representações são decorrentes da crença de que a mulher biologicamente possui o dom de exercer as funções do âmbito doméstico, como casar, ter filhos e cuidar da família. Assim, frente a esta perspectiva, as narrativas analisadas nesta pesquisa mostram que as mulheres não possuíam anseios para além do lar, do mesmo modo, os homens também não possuíam, pois a

estes só lhes era designado o trabalho sem pretensões que envolvessem a aprendizagem de um outro ramo ou estudo de alguma área.

Igualmente, é conveniente destacar que somente as três mulheres entrevistadas destacaram que além destas ocupações, tinham que cumprir rigorosamente com os compromissos religiosos, como por exemplo, rezar o terço diariamente ou ir à missa todos os finais de semana.

Mês de maio era mês de Maria. E outubro era Sagrado Coração de Jesus. Era maio e outubro, todo o mês de terço. Então nós cantávamos na igreja, depois cantava em casa. Cantava bastante na igreja. E era a nossa vida! A missa tu tinha que ir todos os domingos. Às vezes acontecia de tu não estar bem e não ir na missa, então a gente ganhava um castigozinho: Tu vai ter que fazer aquilo lá todo o dia, tem que fazer aquele trabalho por dois ou três dias. Tu estás de castigo! Varrer o pátio, cortar cana... (Ana).

Na missa, se era novinho e nós morávamos perto da igreja, era um dia legal. Meu Deus! Então se vestia com o vestidinho de chita, calçado era chinelinho porque era um só para botar na festa. Todos faceiros! (risos). (Rosa).

De acordo com as falas das três mulheres, é possível perceber o quão intenso eram as práticas da religião católica no cotidiano familiar.

Já os dois homens entrevistados não cogitaram em nenhum momento da entrevista, estas questões religiosas, apesar das famílias de Nestor e Pedro possuírem grande apreço aos valores morais e éticos.

É importante questionarmos: será que as mulheres foram educadas de forma mais ligadas à religião do que os homens? Ou será que atualmente Ana, Rosa e Ariane se mantêm ligadas à religião de modo a lembrarem com detalhes estas vivências da infância?

3.4 O vestuário

Rosa, Pedro, Ariane e Ana relataram o pouco e precário acesso a roupas e calçados, em função da difícil situação financeira que possuíam. Estes quatro entrevistados destacaram que grande parte do vestuário era feito em casa, costurados pelas mães ou avós que

compravam os tecidos. Roupas consideradas “melhores”, eram somente para momentos importantes, como festas, missas ou encontros familiares.

Roupa pra sair se tinha pouco. Meu Deus! Quando tu tinha um vestidinho, tinha que cuidar pros domingos que se ia na igreja. Roupa se ganhava pouco, pouco. (Rosa).

Tudo feito em casa. Comprada era muito difícil. Comprava o tecido, a costureira fazia. Era de chita, vestido de chita ou riscado, xadrezinho. O que nós usávamos pra ir na roça, depois sim, foi feito por causa dos mosquitos, foi feito uma calcinha que vinha até em cima do joelho. Em cima do joelho a gente botava o elástico e a gente ficava pra capinar na roça. Depois que a gente se alertou um pouquinho que vinha os mosquitos, senão era sempre vestidinho. Só para missa, e num baile no clube, na festa de sócios no clube, então era um vestido mais de chita mais... Vestido de pelúcia, um tecido meio estampado, tinha diversos tipos, muito bonita! (Ana).

Naquele tempo se usava calça curta com suspensório. Em fim de semana a gente saía pouco, era pobre. Em casa, chinelo, alpargata e depois sete vidas, que era tipo uma sapatilha. (Pedro).

Seu Nestor, de certa maneira, foi o único entrevistado que demonstrou possuir um acesso melhor para com vestimentas e calçados, ressaltando que com muito esforço, este conseguia juntar um pouco de dinheiro e algumas vezes mandava fazer peças de roupas em uma alfaiataria. No entanto, Nestor também falou que em diversos momentos era sua mãe que as costurava.

Naquela época havia as alfaiatarias, hoje é tudo jeans e etc. (Nestor).

No contexto de pesquisa de Ariès (2012), mais especificamente, em países da Europa, até o século XIX as crianças recém-nascidas eram envoltas em cueiros e as roupas possuíam a mesma aparência da vestimenta dos adultos. Esta indiferença existiu até o século XVIII (ARIÈS, 2012). Em meados de 1762, iniciaram-se tentativas de mudanças, quanto a maneira de vestir os pequeninos. Rousseau foi um dos filósofos que se engajou nestas transformações. Mas foi somente a partir dos anos de 1960, que ocorreram significativas modificações, surgindo roupas mais resistentes, mais leves, práticas e de menor custo (GONÇALVES e FILHO, 2008).

Atualmente, sabemos que há um amplo mercado voltado para o universo infantil. Há variadas e inúmeras escolhas quanto a estilos de roupas, tecidos, cores e calçados.

3.5 O campo e a cidade

Dos cinco entrevistados cujas narrativas constituem o material empírico deste trabalho, quatro vivenciaram a infância no espaço rural: Ana, Rosa, Ariane e Pedro, e um no espaço urbano: Nestor.

Nesta pesquisa, a roça é o principal espaço a partir do qual foram lembradas as memórias da infância rural. Ana, Rosa e Pedro que narraram suas infâncias vivenciadas na roça, descrevem-nas em minuciosos detalhes “[...] aproximando o leitor de um universo que parece perfeito para se ter as melhores e mais encantadoras experiências dessa fase da vida [...]” (NEVES, 2013, p. 54).

Até uma vez chegou uma turma de tropeiros e botaram os animais, os bois ali e nós fizemos uns bonecos de argila, mas naquele tempo era um barro branco que tinha perto de casa. A gente juntava e fazia, ele ficava durinho, que nem fosse argila, e nós pendurávamos num pé de nozes que nós tínhamos. Então, era uns bonequinhos, uma cestinha tudo pendurado assim. E o tropeiro via aquilo e dava com o chicote, eles batiam e derrubava, e nós dizíamos: Mãe olha ele está derrubando! Deixa depois vocês fazem de novo! (Ana).

A gente de gurizada, gostava muito de pescar, sete, oito anos a gente morava perto do rio, e pescava muito de linha, caniço. A gente também gostava de caçar. Durante a semana a gente estudava de manhã e de tarde a gente ia trabalhar na roça, capinar. De pequeno a gente levava almoço na roça para os pais na roça. (Pedro).

Se brincava, se ia na roça, fazia buraco na roça pra brincar. Tinha bastante gurizada naqueles tempos, se brincava na escola, e depois se ia no terço, na igreja, nós morava perto da igreja, e aí ficava brincando as gurizadas no pátio. (Ana).

Lauwe (1991 *apud* NEVES, 2013) ao longo de seus estudos sobre a infância, verificou que “[...] a infância rural é raramente infeliz. [...] Enquanto tipo de sociedade, a comunidade rural se beneficia de uma intimidade, de uma possibilidade de enraizamento, de tradição e de

festas que são também características tidas como favoráveis à criança” (LAUWE, 1991, p. 314 *apud* NEVES, 2013, p. 55).

Entretanto, Jinzenji *et al* (2012 *apud* NEVES, 2013) contraria esta ideia, pois em seus estudos constatou que muitos indivíduos que viviam no meio rural, não consideraram ter tido uma infância feliz, devido ao trabalho constante quando pequenos. Desta maneira, o autor rompe com a ideia de que o espaço rural é um local favorável para a vivência da infância.

Da infância tu vês... Nós tínhamos aquela situação que a gente não vivia... Saíamos às vezes nos domingos de tarde, a gente ia na praça. A minha situação com a minha mãe, a gente tinha que obedecer ao que ela mandava, e quisesse tu ou não, a gente tinha que fazer. Com o meu pai eu não tive relacionamento nenhum de afeto, contato. Ele era uma pessoa que tinha um relacionamento muito fechado. (Ariane)

A entrevistada Ariane, é um claro exemplo de que viveu sua infância no campo, mas esta não considera ter vivido uma infância feliz, percebe-se que o trabalho era intenso e praticamente não havia momentos de socialização e interação com outros sujeitos.

Já a infância no espaço urbano, tem como ambientes principais o quintal, os clubes, os cinemas e as praças. Nestor é o único entrevistado que teve acesso a estes locais.

A gente viveu aquela vida, principalmente no quiosque, porque Muçum teve um quiosque na praça. Quando eu era pequeno eu ia lá no quiosque, e o Nelson Casarotto, hoje ele é falecido, e esse Alfredo que era genro do Costi, casado com a Dona Amábile Costi, ele tirou uma loteria, e construiu um quiosque na praça, que era o cartão de presença de Muçum. (Nestor).

Nesse sentido, notamos que para Nestor, a praça de sua cidade foi um local significativo para a vivência de sua infância.

Porém, o mais importante não é destacar em qual espaço a infância é feliz. Não podemos dizer que a infância é mais alegre no campo, ou mais triste na cidade, pois, cada entrevistado narrou a importância desses espaços em função de suas experiências. [...] “A cidade e o campo, mais que espaços físicos, traduzem diferentes ordenações da vida social, engendrando hábitos, valores e atitudes diversas” (GOUVÊA, 2004, p. 175 *apud* NEVES, 2013, p. 58).

3.6 Cenas de escola

Escola, espaço e tempo escolar, de início poderíamos supor que raras são as narrativas de infância que não remetam a este contexto. Pois, de alguma forma ele perpassa as vivências dos sujeitos inseridos em sociedades “institucionalizadas” ou que se pretendem alfabetizadas e escolarizadas como a nossa. Todos os entrevistados relataram descrições muito precisas e ricas em detalhes sobre suas vivências escolares.

Era uma escola num clube, depois foi numa igreja, porque não tinha colégio, não tinha escola. Sim, tinha escola, mas era diferente, não é que nem agora que tem o salão, que tem tudo. Não tinha nada. A gente tinha pedra para escrever, uma caneta que não era caneta, era uma coisa... Se caía quebrava, era parecia uma lousa, era preta, então tu escrevia naquela pedra. E depois mais tarde quando tu ia no 3º ano, tu ganhava um caderno e a caneta com a ponta de caneta. Tinha de bota dentro da tinta no tinteiro. Botava ali dentro e depois escrevia. Se borrava, porque as vezes a ponta da caneta falhava, então ficava borrado. E o caderno era dentro de uma sacolinha que a mãe fazia de pano, porque não tinha mochila. Às vezes eu ia assim, com os cadernos que escapava da mão ou do braço. Conforme caía no chão sujava. (Ana).

Caderno eu me lembro que eu usei no último ano que eu fui na escola, senão era aquelas pedras. Mochila a mãe me fez uma de roupa. Era só isso ali! E lápis nada, era só um tinteiro! Era uma pedra quadrada do meu irmão mais velho, então tu escrevia. Então tu fazias o ditado, quando tu tinhas terminado, tinha que apagar o teu ditado e emprestar pro outro colega, porque não era todos que tinham! (Rosa).

Frente a estas narrativas, pode-se perceber o quanto os entrevistados se preocuparam em tornar compreensível o seu relato (dando esses exemplos atuais) e com uma memória visual e descritiva muito apurada. As comparações (do tinteiro com o lápis, da sacola de pano com a mochila) refletem alguém que está pensando sobre o antes e o depois.

Nestor destacou a oportunidade de ter estudado em outra cidade, além disso, a fala do entrevistado elucida a valorização dada à escola e à formação profissional posterior.

E agradeço a Deus por ter me dado o privilégio através do conhecimento, dos bons colégios que eu estudei. Fui aluno do Júlio de Castilhos, fui aluno do ginásio dos Padres Jesuítas, tirei contabilidade também na Escola Técnica de Comércio. E assim foi minha vida, lutando, sempre lutando. (Nestor).

Rosa, Pedro, Ana e Ariane também relataram a dificuldade de locomoção para ir até a escola. O trajeto era muito longo e normalmente era feito a pé ou a cavalo, independente de sol ou chuva. Muitas vezes andavam horas e horas de pés descalços para não sujar o único calçado que possuíam.

O que me marcou foi o estudo, porque a gente saía debaixo de chuva, sacrifício! Mas foi bom! Eu gostava do colégio. Estudei até a 5ª série, queria ter estudado mais, mas a prefeitura era longe! Vinte quilômetros de Bento Gonçalves e não tinha como ir de onde eu morava. (Pedro).

Através da fala de Pedro, nota-se que era “um sacrifício compensado pela oportunidade de estudar”, mas a qual não foi possível dar continuidade devido à dificuldade de acesso.

Nestor, como já dito anteriormente, desfrutava de um estudo com melhores condições, então normalmente este se deslocava para outra cidade de ônibus ou barca. Lá, este parava em uma casa de família, fazendo um breve e simples trajeto a pé até a sua escola.

Mas apesar das dificuldades e dos sacrifícios, a escola para todos os entrevistados foi marcada por momentos de alegria, diversão, punições, tristezas, bons resultados, lembranças dos professores e peraltices.

Rosa menciona que sempre foi muito obediente na escola, mas narra as punições às quais seus colegas eram submetidos:

Tinha vezes que a professora xingava. Tinha a gurizada que incomodava na escola, mas eu não incomodava ninguém, porque eu era bem quieta, era boa aluna. A professora me gostava. (Rosa).

Assim como Rosa, Ariane também destaca que foi obediente na sua infância, além de mencionar o respeito mútuo dela com os demais e das “irmãs” (professoras) com ela.

Eu sei que sempre fui uma pessoa obediente, até demais! Eu levava muito em conta o respeito com as pessoas, principalmente no colégio, as irmãs me respeitavam. Eu sei dizer que eu sempre tinha notas boas, eu sempre tirava um dos primeiros lugares porque eu tinha facilidade. (Ariane).

Já o entrevistado Pedro menciona os castigos físicos do pai, argumenta que o pai tinha razão, mas também descreve o motivo que ocasionava a punição:

No colégio, naquele tempo tinha bastante italiano, e italiano não gostava de brasileiro, e a gente notava. Eles ofendiam a gente no racismo, e a gente respondia pra eles. Chamavam de negro, e a gente chamava de gringo. Mas na realidade gringo não é palavra ofensiva, porque gringo é estrangeiro. Aí nós brigávamos bastante, e nós chegava em casa e o finado pai não gostava que a gente brigava. Tinha razão ou não tinha razão, nós apanhava do pai. E na realidade era bom mesmo! Brigar pra que? Nós nos machucávamos bastante! (Pedro).

Perante esta fala de Pedro, podemos observar o quanto o racismo já era presente naquela época. É possível perceber que esta questão da etnia foi um fator que influenciou e marcou a sua infância.

Apesar de alguns autores como Melo (2009) afirmarem que o Brasil é “[...] um país no qual a interpenetração de etnias e culturas aconteceu de um modo verdadeiramente exitoso, o que levou à formação de uma sociedade sem rígidas categorizações raciais e sem intensos preconceitos” (MELO, 2009, p. 287 *apud* NEVES, 2013, p. 46), sabemos que o racismo ainda é muito forte em nossa sociedade. De certa forma, há uma tolerância racial, em função da coexistência e aproximações de múltiplas etnias, mas não de respeito entre as raças (NEVES, 2013). E a escola tem sido, até hoje, um espaço onde o racismo vem à tona, exatamente por ser um local onde ocorre a relação entre diferentes grupos étnicos.

Para pensar sobre algumas práticas e representações que se mantêm, e outras que tem sofrido modificações, trago na sequência algumas percepções dos entrevistados sobre a infância na contemporaneidade.

3.7 A infância de hoje

A infância dos dias atuais foi problematizada por todos os entrevistados em relação aos valores morais e éticos, a família e a escola.

A criança de hoje não evoluiu. Principalmente no caráter. Nós deveríamos termos hoje, graças aos atuais professores. Eles transmitem o bem para a juventude,

porque eles explicam à criança o bem e o mal. E a nossa juventude está muito em decadência. Nós deveríamos ter outra mentalidade. (Nestor).

O que seria uma criança “evoluída”? O que significa uma criança que “não evoluiu”? Parece que Nestor tem uma noção idealizada de infância ou de “formação” das crianças, na qual prevalece a ideia da infância “sem razão”, que precisa ter sua mentalidade “moldada”.

Nota-se que Ana, Nestor, Rosa e Pedro compartilham da visão de que as crianças atualmente possuem muita “liberdade”, ou seja, não possuem regras e conseqüentemente não respeitam seus pais, professores e pessoas mais velhas. Estes entrevistados acreditam que os valores éticos e morais pouco a pouco estão se perdendo.

Agora a criança participa, manda no pai e na mãe como querem. Vão numa loja já escolhem. Agora tem muita convivência, a pessoa já está mais alertada, desde pequena já vem sabendo. (Ana).

Pedro e Rosa, se assemelham em suas falas, pois parece que ambos trouxeram certo teor “pessimista” em relação à infância dos dias atuais.

Ah, uma mudança de cem por cem. Do tratamento das crianças com os pais e com os professores. Falta de respeito, não obedece o professor, os professores não podem dar um puxão de orelha, não pode dar um beliscão, não pode fazer nada. Hoje eles nunca estão satisfeitos, e os pais não podem fazer nada é só na base do diálogo. Mas também tem criança boa à barbaridade! Mas tem criança que é muito má! A gente escuta na televisão barbaridades! (Pedro).

As crianças de hoje são horríveis! Meu senhor! Eles não escutam, eles vão na escola e não fazem tudo o que tem que fazer, brigam na escola. Agora tem liberdade demais. As professoras de agora não são mais do meu tempo. Agora as professoras, como elas contam, não cuidam nos colégios. Então, eles brigam, eles se surram, é uma coisa, é outra. É tudo assim. (Rosa).

Já Ariane, foi a única entrevistada que se diferiu e não comentou as questões levantadas anteriormente pelos quatro entrevistados quanto à infância na atualidade. Como já citado anteriormente, e com base em suas vivências de infância, Ariane visualiza que as crianças de hoje possuem maior apoio, carinho e atenção de suas famílias. Porém, ela ressalva que na sua época, esta lacuna de contato familiar não era decorrente de questões de

negligência ou maldade, mas porque em sua época não prevalecia uma relação tão intensa de afeto entre criança e família.

Geralmente os pais se preocupam com o que o filho vai ser, se apegam, tem muito amor pelos filhos. A gente acompanha muito na televisão, os pais que cuidam das famílias. A verdade é que naquela época não tinha nada disso, era próprio da época. Os pais passaram para os filhos aquela situação: não digo de indiferença ou de maltratar, mas era assim sabe, uma coisa... não um relacionamento familiar, era uma coisa... (Ariane).

Perante as infâncias vividas de cada idoso e frente a estas falas sobre a infância dos dias de hoje, podemos dizer que o conceito ainda está imerso num lugar “idealizado”, num ideal de formação, de pureza e de obediência. Ideais estes, que tem relação com a infância que os entrevistados tiveram, mas que também remonta a um certo saudosismo, no sentido de verbalizarem que a infância de hoje “está perdida”.

4. MEMÓRIA: REVIRANDO GAVETAS

Neste capítulo, abordarei o tema da memória. Para isso, começo questionando este conceito através de uma citação de Kohan (2004):

Talvez se abrissemos o tempo poderíamos abrir a memória: o que poderia ser a memória se não fosse algo da ordem da recuperação, da cronologia, da descoberta do que já foi, e portanto já não é mais: o que não ‘lembramos’? O que outra coisa poderia fazer a memória que não seja recuperar o passado? (KOHAN, 2004, p. 57).

Fazendo uma relação com a citação acima, no decorrer das entrevistas constantemente me deparei com frases do tipo:

Na ideia a gente diz tudo, depois não lembra de nada! (Ana).

É... Depois o que que eu posso dizer... A gente vem de idade se perde a memória (risos). *Estou meia esquecida.* (Rosa).

Mas é isso aí, não sei se lembro de mais coisa. (Pedro).

Quando falamos em memória, logo este conceito nos remete a algo do tempo passado, de lembranças, de momentos e de datas que foram marcantes em nossas vidas. Mas será que a memória somente se restringe a estes pensamentos? Em que outros âmbitos este conceito pode nos ajudar? Quais são os sentidos e funções atribuídos à memória atualmente? Estes são somente alguns dos vários questionamentos e problematizações que podemos fazer a respeito deste conceito, e com as explanações a seguir veremos que a memória vai muito além da questão de relembrarmos o passado.

Atualmente há diversos estudos sobre a memória. Áreas como a da História, Psicologia, Filosofia e Educação abordam distintas temáticas sobre a mesma, como por exemplo: desmemória; os usos da memória; relação entre memória e história; relações entre escrita e memória; autobiografia e memória; trauma e memória; preservação da memória; e o resgate das tradições (GAGNEBIN, 2006).

Estes inúmeros estudos surgem em consequência de atualmente não estarmos mais inseridos em uma tradição de memória viva, oral e coletiva, e por isso criamos táticas de preservação e estruturação de lembranças, como por exemplo: inventamos centros de memória; organizamos livros; recolhemos documentos e fotografias; jogamos fora papéis; não recordamos de nomes; e esquecemos diversos acontecimentos considerados importantes (GAGNEBIN, 2006). Para Halbwachs (1950, *apud* GAGNEBIN, 2006) isto significa um “sentimento da caducidade das existências e das obras humanas” (p. 97).

Bergson (1959 *apud* BOSI, 1994) acredita que temos duas memórias: a memória-hábito e a imagem-lembrança. A memória-hábito é adquirida através do esforço da atenção e pela repetição de palavras ou gestos. Ou seja, um exercício que retomado até a fixação, torna-se um hábito. Podemos dizer, que através da memória-hábito involuntariamente sabemos os movimentos exigidos, como por exemplo, o de como dirigir um carro, de comer de acordo com as regras de etiqueta, de escrever ou falar uma língua estrangeira ou de costurar. A memória-hábito participa do nosso treinamento cultural e é um processo que ocorre devido às exigências da socialização (BOSI, 1994).

Por outro lado, há a lembrança pura, quando atualizada na imagem-lembrança, a nossa consciência traz um momento singular, único e irreversível da vida. Assim a imagem-lembrança tem data exata e trata-se de uma circunstância determinada e individual (BOSI, 1994).

A imagem-lembrança é notoriamente observável quando na entrevista os sujeitos são convidados a descrever uma cena específica em detalhes sobre sua infância. Cada idoso trouxe um momento diferente, único e inusitado que lhe marcou. Destaco duas falas, de momentos que embora tenham envolvido uma situação de tristeza e de castigo do pai, são narrados com risos pelos entrevistados.

Minha prima Ester, era uma pessoa muito alegre, de fazer as coisas para deixar o ambiente mais... Eu lembro que eu ganhei um presente, mas não sei direito o que,

mas era de louça né (risos), e ela quis ver, e ela era muito metida, ela foi pegar o presente para abrir e deixou cair no chão e quebrou. E aquilo foi um motivo que deixou a minha festa... Eu chorei ali na hora! Isso é uma coisa que eu nunca esqueci! (Ariane).

Uma vez fomos buscar pasto que o pai tinha mandado, e o meu irmão mais velho botou uma gravata e uma camiseta mais ou menos no meu irmão mais novo, e fomos buscar pasto com o meu irmão assim (risos). E o Adão, o meu irmão, levou uma funda, e ele dava pedrada em mim com a funda, e eu tirava a funda. E o finado pai assobiava para nós, para não brigarmos e gritarmos na estrada. Numa dessas assobiadas do pai, eu meti a mão na funda do meu irmão e a borracha saiu da forquilha, e o meu irmão começou grito e choro. Então meu pai agarrou um cipó e me bateu bastante e no meu irmão. Mas não pegou em ninguém a borracha, meu irmão chorou de assustado e o pai achou que nós tínhamos brigado. Deu uma porção de cipozada, e eu estava com um chapéu de pano e eu consegui me defender um pouco com esse chapéu. O Floriano, um amigo nosso que estava junto, e que não tinha nada a ver com isso, apanhou também. (Pedro).

Segundo a concepção de Bosi (1994) em relação ao passado, este, além de conservar-se, atua no presente, porém, não de forma homogênea, de modo que:

[...] De um lado, o corpo guarda os esquemas de comportamento de que se vale muitas vezes automaticamente na sua ação sobre as coisas: trata-se da memória-hábito, memória dos mecanismos motores. De outro lado, ocorrem lembranças independentes de quaisquer hábitos: lembranças isoladas, singulares, que constituíram autênticas ressurreições do passado (BOSI, 1994, p. 48).

Podemos então dizer que a memória-hábito faz parte das práticas do cotidiano, tendo somente a percepção do presente. Já a imagem-lembrança incorpora momentos e vivências do passado para o presente, sendo que esta memória é única e diferente para cada indivíduo.

O primeiro dia de aula, a perda de uma pessoa amada, a formatura, o começo da vida profissional, o casamento, dividem nossa história em períodos. Nem sempre conseguimos fixar tais divisões na data de um tempo exterior. Quando as marés de nossa memória já roeram as vigas, o fato deriva ao sabor das correntezas. No entanto, sofremos no dia-a-dia a inexorável divisão que nos constringe a deixar a casa pelo trabalho, a juventude pela maturidade e nos rouba do convívio mais caro.

É a força do tempo social marcado por pontos de orientação que transcendem nossa vontade e nos fazem ceder à convenção (BOSI, 1994, p. 417).

Nesta citação, podemos perceber que Bosi (1994) em seus estudos também destaca que atualmente a memória tende a ser tratada como algo cronológico, que utilizamos para nos organizarmos no tempo e simplesmente para conhecermos o passado. A autora ainda nos lembra que na civilização grega a memória era considerada um momento de êxtase, e que o passado não era somente um tempo que antecedia o presente.

As rápidas e fortes mudanças socioculturais movidas pelo capitalismo e por um novo modo de vivenciar a temporalidade causaram mudanças na função da memória enquanto forma de socialização e da experiência no mundo contemporâneo.

No fim do século XIX, Nietzsche já descrevia essas transformações culturais dos usos e do valor da memória; denunciava, em particular, a acumulação obsessiva e a erudição vazia do historicismo cujo efeito maior não consistia numa conservação do passado, mas numa paralisia do presente. Recentemente, o linguista e ensaísta Tzvetan Todorov também escreveu um pequeno panfleto, intitulado *Os abusos da memória*, no qual denuncia, nas pegadas de Nietzsche, a complacência em demorar-se na celebração, na comemoração do passado em detrimento do presente - da ação e da intervenção no presente. Estas exigem uma certa forma de esquecimento, um virar a página, uma não-permanência no ressentimento e na queixa [...] (GAGNEBIN, 2006, p. 98).

Conforme a citação acima percebe-se que na fala de Ana, apesar de atualmente estar inserida em uma sociedade em que a temporalidade é instantânea, ela não “virou a página” ou deixou suas memórias no esquecimento. A entrevistada conserva seu passado, mas sem enaltecê-lo no presente.

A gente tem tanta coisa. Na cama eu fico pensando, às vezes não tenho sono, fico me lembrando do tempo da casa velha, do tempo das gurias, do futebol, da catequese... E a catequista era brava, brava... Era a tal de Dona Rosa, era uma fera! Tu erravas uma palavra, tu apanhavas dela, era tapa no rosto.

Desta forma, Gagnebin (2006) ressalta que o passado deve sim ser lembrado, mas não um simples lembrar e nem uma forma de cultivá-lo. Para a autora isto vai além de uma simples análise e esclarecimentos, implica criar instrumentos que auxiliem a entendermos o presente.

[...] um lembrar ativo: um trabalho de elaboração e de luto em relação ao passado, realizado por meio de um esforço de compreensão e de esclarecimento – do passado e, também, do presente. Um trabalho que, certamente, lembra dos mortos, por piedade e fidelidade, mas também por amor e atenção aos vivos (GAGNEBIN, 2006, p. 105).

De certa forma a entrevistada Ariane parece que está em uma relação de luto com o passado ao lamentar a falta de afeto e diálogo com os seus pais e a ausência de bens materiais, como brinquedos e roupas, conforme podemos perceber no trecho que segue:

Da minha infância não tenho muitas saudades, e vou te dizer por quê: Na nossa casa, o meu pai pouco ficava em casa, e não tinha aquele relacionamento de carinho. Para falar com toda a sinceridade, uma coisa que deixava a gente... era que o relacionamento do meu pai e da minha mãe não era o dos melhores.

Frente ao pensamento de Gagnebin (2006) podemos notar que Bosi (1994) também compartilha desta mesma visão quando faz referência a memória: “[...] o privilégio pertence a todos aqueles cuja memória sabe discernir para além do presente o que está enterrado no mais profundo passado e amadurece em segredo para os tempos que virão” (BOSI, 1994, p. 89).

Ainda nesta mesma linha de pensamento, Silveira (2011) destaca que a memória possibilita ao narrador motivar e chamar seus ouvintes a ficar atentos para segredos importantes e problematizações relacionadas ao presente e ao futuro. Segredos e problematizações estas, que pude descobrir através da fala de seu Nestor:

Porque Muçum era terra de gente intelectual. A tua gente, os Lanzoni, família tradicional. Eu conheci o nono Bidi Lanzoni, que vem ser seu tataravô, conheci o Reinaldo Lanzoni, conheci o Heitor Lanzoni, conheci toda a família Lanzoni. Porque Muçum, eu vou te dizer uma coisa: Nós regredimos.

Quem diria que algum dia conversando com alguém, com quem de certa forma não possuía relação alguma, tivesse a oportunidade de através de sua memória, saber um pouco mais sobre as histórias de vida da minha própria família que nem eu mesma sabia? Ou sentir através de sua memória, o quanto o município em que moro, antigamente era um local extremamente desenvolvido, e que atualmente pouco a pouco está decaindo?

Mais uma vez, nota-se frente à fala de Nestor, que a memória guarda segredos interessantíssimos a serem desvendados, e questões necessárias para se entender o presente e

para se problematizar o futuro. Esta é uma ação de socialização, através da qual os indivíduos se reconhecem como seres sociais, “[...] enquanto individualidades atravessadas por ‘outros’ em confluência” (SILVEIRA, 2011, p. 60). Portanto, para o autor a memória é um produto formado de modo coletivo por meio das ações de sujeitos que interagem entre si no presente.

[...] aquele que conta uma história possui a capacidade de, através da memória, mobilizar tanto um saber prático quanto um conhecimento do lugar distante ou de um tempo passado. [...] Em outras palavras, ele se faz representar como um sujeito que converte as próprias lembranças em médium de atualização do passado no presente. Movimento que inviabiliza, segundo a proposição benjaminiana, a apreensão da memória como uma cópia, um decalque do passado. Isto porque, os acontecimentos, os seres e imagens não se apresentam à memória do narrador como formas acabadas ou perfeitamente delineadas. No momento em que são evocadas, as lembranças ligam-se sempre a outros elementos que, por sua vez, as tornam diferentes. Elementos que não se reportam apenas à história de vida daquele que evoca uma lembrança, mas fazem alusão a todo um conjunto de referências estruturadas coletivamente e vivenciadas no seio da tradição (SILVEIRA, 2011, p. 59 - 60).

Conforme esta conceituação de Silveira (2011), destaco algumas falas dos entrevistados que delinearão algumas memórias de grupo:

Era as minhas primas que a gente morava perto, então as nossas distrações eram por exemplo final de semana aquelas brincadeiras... Eu tinha uma prima, então nós éramos a plateia e ela era a artista. Eu sei que nosso prazer, era sentar na beira da calçada onde ela morava, e ela inventava as apresentações. (Ariane).

Nós íamos até lá embaixo no Fontana caminhando, cantando, contando piada, contando historinhas e se voltava assim. Ou íamos lá nos pés de goiabeira comer goiaba, uma cantava, a outra contava uma história. Nós mexemos uma vez com um carro que passou e ele ia namorar uma menina no Costi, e nós dizíamos assim: Quando ele passar, vamos dar umas piadinhas! E nós começamos: Oi! Que bonitão! Oi! Que carrão! Ele parou e todo mundo pegou o mato. Fomos nos esconder, com medo que nós íamos apanhar dele. E nossos irmãos estavam pescando no rio e eles diziam: Bem feito! Mexe! Bem feito (risos)! (Ana).

Brincávamos, comíamos sorvete, havia churrasco. Deve ter uma réplica do quiosque na casa de cultura Padre Luchino. As mesinhas de ferro... Minha querida, os amigos se reuniam, ganhávamos pouco dinheiro, mas era um dinheiro

bem aproveitado. Tu comias sorvete, tu comias galetos, tu comias do bom e do melhor no quiosque! (Nestor).

Conforme estas falas, percebe-se que cada idoso delineou um decalque de sua própria memória, mas estas lembranças não remetem somente a cada um deles que as evocou. Essas memórias também fazem parte de outros indivíduos que do mesmo modo vivenciaram-nas, construíram e as constituíram em uma determinada época.

Assim, é nesta linha de pensamento dos autores como Bergson (1959, *apud* BOSI, 1994), Gagnebin (2006), Bosi (1994) e Silveira (2011) que este Trabalho de Conclusão de Curso procurou abordar o conceito de memória. Ou seja, revisitar narrativas que proporcionaram analisar as diversas maneiras de viver e contar a infância, bem como compreendê-la frente a temáticas e necessidades da atualidade, permitindo trazer o passado à tona, para entendermos o presente.

Talvez se abrissemos a memória em uma dimensão aiônica do tempo, quiçá ela pudesse ser, ao contrário, algo da ordem da ruptura com o passado e com a temporalidade contínua e sucessiva do antes e o depois; talvez a memória possa ser algo da ordem do afastamento do passado, da recusa de outro tempo e da instauração de um novo tempo para pensar, de um novo início de pensar o tempo, e de um tempo para pensar (KOHAN, 2004, p. 57).

Frente a esta citação, podemos perceber que procuramos sentido e significado através do tempo que perpassa em nossa vida, podendo ser algo que já aconteceu, que já passou, ou algo que almejamos e projetamos para o futuro. Lembrando que este tempo, não é um passado fixo e indiscutível, mas um tempo que é sempre citado, discutido e movimentado.

[...] a memória se alimenta de imagens, sentimentos, ideias e valores que circulam na esfera do social, transfigurando-se, em um segundo movimento, num construto coletivo resultante da interação entre indivíduos no presente. Em cada evocação um mundo se abre. O presente, o passado e o futuro se mesclam nas lembranças, podendo surgir fatos reveladores para as novas gerações. Entretanto, a memória não é feita apenas de fatos, mas também de desejos e sonhos. Desejos e sonhos que acalentamos e compartilhamos durante toda a nossa vida, seja através de uma conversa fortuita entre amigos; das promessas de amor que talvez jamais sejamos capazes de cumprir; dos sons, aromas e sabores impregnados em nossos sentidos e que dizem de uma maneira muito própria de viver uma vida; ou, ainda, através dos itinerários que pacientemente tecemos enquanto leitores do mundo [...] (SILVEIRA, 2011, p. 61).

A memória dos desejos e dos sonhos também foi aqui compartilhada por nossos entrevistados. Memórias que estes almejam e alimentam dentro de si, memórias desejadas a partir de suas particularidades, que estão guardadas com muito carinho desde as suas meninices:

Meu sonho era ser formado, tirar uma universidade. Mas o dinheiro era pouco, foi um sentimento grande que eu tive na minha vida. (Nestor).

Meu sonho, era poder ajudar a mãe, meus irmãos, de ajudar para eles, já que era grandinha e eu podia fazer alguma coisa. Poder fazer bem pra família. (Rosa).

Sonho mesmo, foi quando eu aprendi a bordar. Porque eu sabia fazer uma coisa diferente dos outros. Foi uma senhora de Muçum que me ensinou. Quando dava água não dava pra passar com a barca, eu ia pra casa e chorava, porque eu tinha vontade de aprender. E depois que eu aprendi, ela me disse assim: Tu é inteligente no bordado, tu faz as coisinhas pra ti. Eu fiz tudo na minha ideia. Quando chovia não dava pra ir na roça, ia só na aula e voltava, eu pegava fazia um desenho, uma margarida, um zigue-zague. (Ana).

Meu maior sonho era ter tido todas as coisas que eu gostava de ter: brinquedos, roupas, coisas assim de criança, que a pessoa vê nos outros e gostaria de ter. Não por inveja, mas porque gostaria de ter. Uma situação que sempre esteve na minha vida foi isso. Até ontem eu estava lendo numa revista, que se tu tens um sonho, tu não debes fazer de sua vida uma esperança de que aquele sonho vai realizar. Tu tens que ficar na realidade, aceitar o que a gente tem. Mas qual é a criança que aceita? Se gostaria de ter uma boneca, e não poder ter? (Ariane).

Conforme a citação acima e as memórias anteriormente relatadas pelos idosos, percebemos o quão amplo, complexo e rico é o campo da memória. Portanto, nesta pesquisa posso fazer uso da expressão de Bosi (1994) e dizer que “colhi memórias” (p. 12). Além disso, o estudo de memórias de idosos possibilitou averiguar que estas pessoas possuem

[...] uma história social bem desenvolvida: elas já atravessaram um determinado tipo de sociedade, com características bem marcadas e conhecidas; elas já viveram quadros de referência familiar e cultural igualmente reconhecíveis: enfim, sua memória atual pode ser desenhada sobre um pano de fundo mais definido do que uma memória de uma pessoa mais jovem, ou mesmo adulta, que, de algum modo, ainda está absorvida nas lutas e contradições de um presente que a solicita muito mais intensamente do que uma pessoa de idade (BOSI, 1994, p. 60).

Assim, podemos perceber a importância do resgate e valorização da memória dos idosos em nossa sociedade. Entretanto, Bosi (1994) chama-nos a atenção e nos mostra que em nossa cultura visualizamos a velhice como algo opressor, improdutivo e abolido.

A função do velho é lembrar e aconselhar – *memini, moneo* – unir o começo e o fim, ligando o que foi e o porvir. Mas a sociedade capitalista impede a lembrança, usa o braço servil do velho e recusa seus conselhos [...] a sociedade capitalista desarma o velho mobilizando mecanismos pelos quais oprime a velhice, destrói os apoios da memória e substitui a lembrança pela história oficial celebrativa (CHAUI, 1979 *apud* BOSI, 1994, p. 18).

Segundo a citação, podemos notar uma certa contradição: de um lado a sociedade acredita na sabedoria dos idosos, consideram-nos como indivíduos que detém a palavra e o poder de aconselhar. Porém, por outro lado há um certo impedimento e dificuldade por parte da sociedade em deixar e aceitar que esses idosos falem de suas lembranças e memórias, acabando por sufocá-los em suas próprias histórias.

Seu Nestor é um claro exemplo de sábias palavras, pois com grande maestria narrou inúmeras histórias sobre sua terra natal. Assim, menciono o quanto eu aprendi com sua narrativa, aprendizagem pela sabedoria de alguém que viveu outro tempo. Embora o foco do trabalho tenha sido a infância, é importante ressaltar este lado: um idoso que olha para a sua infância e sua sabedoria atrelada a esse olhar.

A opressão da velhice é claramente vista nos relatos dos próprios idosos entrevistados. Ana, Rosa, Pedro e Nestor de forma incisiva e pesarosa problematizam e de certa maneira se queixam sobre o desrespeito das crianças para com as pessoas mais velhas.

Acho que falta mais respeito, como tinha antigamente. (Ana).

A mesma coisa eu diria para meus filhos e pra juventude: estudai, progredis e tenha educação, principalmente modéstia à parte, caráter. E queria que eles fossem diferentes um pouco: ter educação com os mais velhos. Se perdeu bastante o respeito humano. (Nestor).

Tem uma porcentagem que não respeita mais os idosos. (Pedro).

Logo, acredito e defendo que as memórias dos idosos, são de extrema importância e valor para a sociedade, pois através de suas narrativas é possível repensarmos e reelaborarmos o presente, e isto só é possível em função das experiências e dos movimentos da memória deles. Além disso, concordo com a seguinte problematização: “Se os velhos são os guardiões do passado, por que nós é que temos de lutar por eles? Porque foram desarmados [...] “O velho não tem armas. Nós é que temos de lutar por ele [...]” (CHAUÍ, 1979 *apud* BOSI, 1994, p. 18).

Portanto, desejei neste Trabalho de Conclusão de Curso, “escutar” e “dar voz” aos idosos. Ou melhor dizendo, “[...] registrar a voz, e através dela, a vida e o pensamento de seres [...]” pois “[...] a memória é um cabedal infinito” (BOSI, 1994, p. 37-39). Além disso, acredito que o idoso

[...] ao lembrar do passado ele não está descansando, por um instante, das lides cotidianas, não está se entregando fugitivamente às delícias do sonho: ele está se ocupando consciente e atentamente do próprio passado, da substância mesma da sua vida (BOSI, 1994, p. 60).

Desta maneira, creio na possibilidade de que os idosos se sentiram valorizados e de uma certa forma “úteis” ao contarem suas memórias, uma vez que, para mim estes indivíduos representam gerações passadas que transmitem culturas, tradições e heranças perpassadas de geração em geração. Bosi (1994) ainda complementa que: “[...] O vínculo com outra época, a consciência de ter suportado, compreendido muita coisa, traz para o ancião a alegria e uma ocasião de mostrar sua competência. Sua vida ganha uma finalidade se encontrar ouvidos atentos [...]” (BOSI, 1994, p. 82).

De acordo com esta citação, seu Nestor é um exemplo vivo da alegria de contar suas memórias:

Eu tive grandes amigos na minha infância. Conheci Getúlio Vargas, Oswaldo Aranha. Conheci pessoas inteligentíssimas: Flores da Cunha, Borges de Medeiros. Eu tenho fotografia com Borges de Medeiros, eu tenho fotografia com Getúlio Vargas, eu tenho fotografia com Alberto Pasqualini. Tenho fotografia com os maiores homens que o Brasil teve, e me orgulho.

Observa-se nesta fala, o quão orgulhoso e felizado é seu Nestor, em poder ser ouvido e relatar suas lembranças.

Do mesmo modo, para “colher as memórias” (BOSI, 1994, p. 12) dos idosos, foi necessário fazer o uso da linguagem, pois não há outra forma de registrar as narrativas senão houver o diálogo. Para Bosi (1994) a linguagem é instrumento decisivo para ocorrer esta socialização da memória. Ainda segundo a autora a linguagem

[...] reduz, unifica e aproxima no mesmo espaço histórico e cultural a imagem do sonho, a imagem lembrada e as imagens da vigília atual. Os dados coletivos que a língua sempre traz em si entram até mesmo no sonho (situação-limite da pureza individual) [...] (BOSI, 1994, p. 56).

Percebe-se portanto, que há uma relação em comum entre o ouvinte e o narrador, pois ambos desejam conservar o que está sendo narrado para posteriormente ser reproduzido. Bosi (1994) defende que:

[...] a memória é a faculdade épica por excelência, não se pode perder, no deserto dos tempos, uma só gota da água irisada que, nômades, passamos do côncavo de uma para outra mão. A história deve reproduzir-se de geração a geração, gerar muitas outras, cujos fios se cruzem, prolongando o original, puxados por outros dedos [...] (BOSI, 1994, p. 90).

Assim, segundo a citação acima e com base nas entrevistas dos idosos, nota-se, que cada geração, cada indivíduo tem a sua memória, ou seja, momentos marcantes de suas vidas, e que cada sujeito vive o tempo da família, o tempo da escola, e o tempo do trabalho de formas distintas.

[...] a memória permite a relação do corpo presente com o passado e, ao mesmo tempo, interfere no processo “atual” das representações. Pela memória, o passado não só vem à tona das águas presentes, misturando-se com as percepções imediatas, como também empurra, “desloca” estas últimas, ocupando o espaço da consciência. A memória aparece como força subjetiva ao mesmo tempo profunda e ativa, latente e penetrante, oculta e invasora (BOSI, 1994, p. 46 - 47).

Logo, cada instante do tempo é mais do que um simples acontecimento preciso, porque é vivenciado e sentido de modo diferente por diversas gerações que estão em distintas etapas de desenvolvimento.

Portanto, se questionarmos qual é a função da memória, respondo e defendo que esta abre portas que estavam fechadas entre o presente e o passado, “[...] retorna tudo o que deixou à luz do sol [...]” (BOSI, 1994, p. 89).

Acredito que podemos conhecer um mundo de riquezas e diversidade através da memória dos idosos. Conversar com estes sujeitos é uma intensa vivência, pois em suas falas há revolta, tristeza, alegria, superação, experiência, compreensão, amor. Nestor, ao ser questionado sobre o que faria se pudesse voltar a ser criança, respondeu:

Estudar, me aperfeiçoar, ser um alguém na vida. Porque tudo se depende do estudo, não se depende do dinheiro. Voltaria a estudar e ser alguém útil ao meu semelhante. (Nestor).

Quem ouve atentamente estas histórias de vida, nota o contraste entre a riqueza e a potencialidade de um sujeito criador e um sujeito “jovem” do mundo atual que vive em função do capitalismo.

Além do mais, grande parte dos indivíduos não possuem mais tempo de narra suas histórias, principalmente se for algo voltado à infância, uma vez que este é um período passado, não havendo mais a necessidade de relembrarmos. Portanto, é neste ponto que desejo chegar ao cerne deste trabalho: “Se o adulto não dispõe de tempo ou desejo para reconstruir a infância, o velho se curva sobre ela como os gregos sobre a idade de ouro” (BOSI, 1994, p. 83). Daí a importância e a beleza de valorizarmos as memórias de infância dos idosos.

Encerro este capítulo com uma citação de Bosi (1994) que destaca a importância de preservarmos nossa memória e contarmos as nossas histórias de vida, pois “[...] a narração da própria vida é o testemunho mais eloquente dos modos que a pessoa tem de lembrar. É a sua memória” (BOSI, 1994, p. 68).

5. NARRATIVAS: ERA UMA VEZ...

As narrativas são histórias de vida, portanto os indivíduos do nascimento até a morte são formados e se compõem continuamente por narrativas. “A narração é uma forma artesanal de comunicação. Ela não visa a transmitir o ‘em si’ do acontecido, ela o tece até atingir uma forma boa. Investe sobre o objeto e o transforma [...]” (BOSI, 1994, p. 88).

Entretanto, atualmente muitos estudiosos vêm falando que a história está prestes a se acabar, havendo uma ausência de sentido no ato de narrar. Grandes narrativas, como por exemplo, a da redenção judaico-cristão e o progresso iluminista não movem mais a crença e a imaginação das pessoas (KEARNEY, 2012).

Benjamin (1933) é um dos autores que trabalha esta questão do fim das narrativas, e ressalta que as ações da experiência estão em decadência. Isto pode ser notado através de uma parábola que ele conta em sua obra *Experiência e pobreza*:

[...] havia a parábola de um velho que no momento da morte revela a seus filhos a existência de um tesouro enterrado em seus vinhedos. Os filhos cavam, mas não descobrem qualquer vestígio do tesouro. Com a chegada do outono, as vinhas produzem mais que qualquer outra na região. Só então compreenderam que o pai lhes havia transmitido uma certa experiência: a felicidade não está no ouro, mas no trabalho (BENJAMIN, 1933, p.1).

Frente a esta parábola, Benjamin (1933) ainda questiona o que fora feito de tudo isso, se ainda encontramos sujeitos que saibam contar histórias, e se as palavras e as experiências ainda são transmitidas de geração em geração.

[...] a arte de narrar está em vias de extinção. São cada vez mais raras as pessoas que sabem narrar devidamente. Quando se pede num grupo que alguém narre alguma coisa, o embaraço se generaliza. É como se estivéssemos privados de uma faculdade que nos parecia segura e inalienável: a faculdade de intercambiar experiências (BENJAMIN, 1936, p. 197 – 198).

Para o autor, isto é decorrente do rápido desenvolvimento da técnica que se sobrepõe ao homem. Assim, ele questiona qual o valor do nosso patrimônio cultural, se a experiência não está mais ligada aos seres humanos. Para Benjamin (1933), a humanidade está à beira da “pobreza de experiência” (p.3), sendo necessário que os indivíduos em meio a tantas mudanças rápidas e constantes da contemporaneidade, “sobrevivam à cultura” (p.3).

Com o avanço da tecnologia, poderíamos dizer que hoje, em certa medida, ela inclusive colabora para “perpetuar” e disseminar algumas narrativas. Por outro lado, para além dos avanços na área da informação, podemos situar alguns avanços tecnológicos nos relatos das pessoas entrevistadas para esta pesquisa ou até mesmo nos deparar com o dia a dia de pessoas que não usufruíam de determinados artefatos tecnológicos. Ana, mesmo sem relógio, conseguia por exemplo, saber as horas.

Nós olhávamos as horas, porque tinha um peral do outro lado do rio. Quando ele era reto o sol, então eram onze horas. Nós cuidávamos pelo horário. Ai! Aquele sol não desce, aquele sol não chega! Nós loucas para ir para casa! (Ana).

Também nem se cogitava a ideia de ter um celular, mas Ana criou o seu próprio “WhatsApp” para combinar as saídas com suas amigas.

A gente não via a hora que chegava o fim de semana. Depois nós ganhamos mais liberdade e nós íamos nos bailes. Então, a casa ficava aqui, a outra ficava à direita, a outra mais adiante. A gente combinava assim: vamos pedir para os pais, se eles deixam ir no baile, então nós vamos botar uma toalha branca na janela e vocês sabem que nós vamos. Não tinha telefone. Nós botávamos a toalha branca na janela, a outra via e já botava também. Assim, sabíamos que todas as amigas iam. Até que os guris descobriam. Quando o meu irmão e os irmãos das outras descobriam, eles tiravam a toalha. (Ana).

Quanto à questão de mobilidade, o carro da época era o cavalo.

Era só isso, montar a cavalo. De cavalo desde criança, porque nós tínhamos. A gente tinha que tocar os animais no rio tomar água e fazer pasto. Então nós

botávamos uma cangaia que tinha duas presas do lado, e botava o balaio com alça ali e a Lurdes sentava no meio dos dois balaio e eu puxava o cavalo ou tocava ele pra frente. (Ana).

Atualmente também vivemos a temporalidade de um modo diferente pela sociedade de algumas décadas atrás. Tudo é momentâneo, acelerado e instantâneo. Alguns dos idosos entrevistados, também abordaram certas questões sobre o mundo contemporâneo.

Domingo nós não íamos na roça, a gente só ia tratar os animais e nós ia pescar. Caçar de funda, pescar nós íamos todas as tardinhas e pegava bastante peixe para comer e para vender na vila. Agora o pessoal acha tudo difícil, para ir daqui até o centro ali. E se era feliz, a roupa e calçado ruim. (Pedro).

Agora tem tudo: bicicleta, moto, carro. Nós só sabíamos andar de carroça. Quando vinha minha tia passear, ela vinha de charrete, ela levava nós dar uma voltinha. Se nós víamos um carro, nós nos escondíamos, porque tinha medo, não sabia o que era. Eu fui com doze anos com meu pai num ônibus. Eu achei uma maravilha! Agora toda hora tem. Tem táxi na porta, três, quatro horários de ônibus. (Ana).

Desta forma, acredito que as narrativas também sofreram com estas mudanças. Na contemporaneidade até mesmo as histórias devem ser breves e curtas, já que grande parte da sociedade não tem “paciência” de contar ou ouvir algo que de certa forma seja “longo” e “demorado”

Mas que vivência maravilhosa não é esta? De podermos olhar nos olhos, dialogar sobre momentos, presenciar sentimentos, ouvir e aprender com narrativas de vida? Reunir a família em uma noite fria ao redor da lareira para contar e ouvir histórias? Ou na beira do mar fazer uma bela fogueira e “jogar conversa fora”?

Ana, Pedro e Rosa diariamente se reuniam com seus familiares e compartilhavam de longas noites regadas a cantorias, brincadeiras e conversas.

Nós sentávamos na porta da casa, quando era luar, e meu pai sentava na escada. Nós rodeávamos ele ali tudo junto e começávamos a cantar. (Ana).

Não é como agora que é diferente em casa. Nós na sala brincávamos de boneca, brincava de outra coisa... Se fazia uma roda de guri e gurias, se cantava, se pulava, se dançava... Se cantava “La bela violeta”. (Rosa).

Caçar passarinho de funda. A gente brincava nas horas vagas, sábado e domingo, porque durante a semana tinha que trabalhar. Não tinha como escapar, porque em casa não tinha nada para fazer. Então a gente era obrigada a ir trabalhar até de noite. De noite não tinha luz, era só de lampião, ficávamos ali até umas nove horas. A gente se reunia, jogava mora, o finado pai que sabia cantar italiano, ele cantava nas missas. Em casa às vezes nós jogávamos mora com os irmãos até meia noite. (Pedro).

Desta maneira, a ação de narrar abrange algo que vai além, que transcorre, “[...] que vai de nós para outros, sem deixar de existir em nós, mas que, ao ser transmitido, imprime algo no outro da relação e pode produzir algo em mim” (OHLWEILER, 2014, p.4). Acredito que esta é a essência da narrativa. Mais que isso, creio e defendo que:

A informação só nos interessa enquanto é novidade e só tem valor no instante que surge. Ela se esgota no instante em que se dá e se deteriora. Que diferente a narração! Não se consuma, pois sua força está concentrada em limites como a da semente e se expandirá por tempo indefinido (BOSI, 1994, p. 87).

Nesse sentido, penso na potência de exercitar a arte de contar histórias, para que estas não se percam. Acredito ser entristecedor se chegarmos algum dia e não tivermos algo para contar para o “outro”. Ou pronunciarmos: “[...] já não existe mais. Essa frase dilacera as lembranças como um punhal [...]” (CHAUÍ, 1979, *apud* BOSI, 1994, p. 19). O ato de “não contar mais nada ao outro” eliminaria de nós uma condição eminentemente humana, a de narrar e memorizar, ambas atreladas à linguagem, um aspecto que nos diferencia dos demais seres vivos.

Como dito anteriormente, Benjamin (*apud* KEARNEY, 2012) trata do desaparecimento da narratividade, em função dessa intensa era digital. Para o autor, as formas de recordação e experiências que são transmitidas e herdadas de geração em geração, estão sendo ameaçadas. O autor Kearney (2012) também concorda com a visão de Benjamin e destaca:

Difícilmente poderemos negar que a noção de experiência contínua, associada à narrativa linear tradicional, tenha sido fundamentalmente desafiada pelas atuais tecnologias do computador e da internet. Nem podemos ignorar a evidência de uma sociedade onde a telecomunicação e os fluxos de dados digitais hiperavancados tenham começado a substituir os antigos modos de expressão mnemônicos, epistolares e impressos. As noções que herdamos de um espaço e de um tempo enraizados estão sendo profundamente sacudidas pela velocidade emergente da megalópole e por um imediatismo sempre em expansão – fazendo surgir aquilo que muitos veem como um mundo cada vez mais desterritorializado (KEARNEY, 2012, p. 410).

Rosa é a única entrevistada que em seu discurso verbaliza a questão da tecnologia, como algo negativo à sociedade, e de modo especial às crianças.

O computador não acho certo desde pequenininho deixa mexer, mas no dia de hoje todo mundo... Eu acho que dá contato nas vistas e porque é perigoso. As crianças é tudo rápido. Muita rapidez. (Rosa).

Bosi (1994) também dialoga com o pensamento dos autores citados anteriormente, visto que esta também ressalta que a narração de histórias foi suprida pelo avanço das tecnologias, e principalmente pela mídia impressa.

A narração exemplar foi substituída pela informação de imprensa, que não é pesada e medida pelo bom senso do leitor. Assim, a união de uma cantora com esportista ocupa mais espaço que uma revolução. A informação pretende ser diferente das narrações antigas: atribui-se foros de verdade quando é tão inverificável quanto a lenda. Ela não toca no maravilhoso, se quer plausível. A arte de narrar vai decaindo com o triunfo da informação. Ingurgitada de explicações, não permite que o receptor tire dela alguma lição. Os nexos psicológicos entre os eventos que a narração omite ficam por conta do ouvinte, que poderá reproduzi-la à sua vontade; daí o narrado possuir uma amplitude de vibrações que falta à informação (BOSI, 1994, p. 85 - 86).

Retomando as palavras de Bosi (1994), questiono sobre o que configuraria hoje uma “narração exemplar”? Existe afinal, um ideal de narração? Cabe a nós pensar nas possibilidades diversificadas de narração na contemporaneidade, inclusive aquelas que se dão no espaço virtual, ou ainda cuja propagação é possibilitada por artefatos tecnológicos.

Para além da ascensão das mídias eletrônicas, Bosi (1994) ainda destaca que a arte de narrar vem acabando, pois não exercitamos o “escutar” e desapareceram os “escutadores” de histórias. Ou seja, esta teia aos poucos estaria se desfazendo. Nesta pesquisa, procurei me colocar neste lugar de escuta para com os idosos que entrevistei.

Para Kearney (2012) “[...] a narrativa não vai acabar, pois sempre haverá alguém para dizer conta-me uma história, e alguém que responderá era uma vez... [...]” (KEARNEY, 2012, p. 410). Desta forma, o autor acredita em uma “sobrevivência” da narração de histórias.

A persistente resistência à narratividade em nome de modelos redutores de cientificismo irá, estou convencido, logo ceder à compreensão de que a verdade histórica tanto é propriedade do conhecimento narrativo como do chamado conhecimento objetivo. Há mais, na ciência da história, do que jamais sonharam os métodos empírico-métricos e baseados na lógica estrutural (KEARNEY, 2012, p. 410).

Concordo com o pensamento acima, pois defendo que as narrativas são elementos fundamentais para a nossa subjetividade, pois necessitamos delas para entendermos as ações dos outros e a nossa própria existência. No entanto, ressalto que não quero dizer que o cientificismo deve ser banido de nossa sociedade e nem que as narrativas são o único caminho para compreendermos as verdades históricas.

Ao contrário de Kearney (2012), Bosi (1994) e Benjamin (*apud* KEARNEY, 2012), Vogler (*apud* KEARNEY, 2012) não visualiza o crescimento tecnológico como uma ameaça à narração, pois ele defende que:

[...] o advento da cibercultura deveria ser visto não como uma ameaça à narração de histórias, mas como um catalisador de novas possibilidades de narrativa interativa e não-linear. O fato é que não importa o quanto as tecnologias transformem nossos modos de contar histórias, as pessoas irão sempre apreciar entrar no transe da narrativa e deixar-se conduzir através de um conto por um mestre tecelão de histórias (KEARNEY, 2012, p. 411 - 412).

De acordo com a citação, nota-se que o rápido desenvolvimento das tecnologias modificou a forma de se viver. Por isso, penso que atualmente é inevitável evitar o contato com estas mídias, pois estão praticamente presentes em qualquer momento e lugar. E conforme o autor cita, as mesmas podem ser recursos que se usadas de maneira adequada, beneficiam e trazem inúmeras vantagens a favor das narrativas, podendo ser mais uma possibilidade de troca e interação de sujeitos.

Percebe-se assim que Nestor, Ana e Pedro também compartilham a visão de que as tecnologias são um grande progresso para a sociedade, e se utilizadas de forma apropriada, não se tornarão nocivas, principalmente se tratando da relação das crianças com as mesmas.

Que a infância de hoje tivesse a cabeça no lugar e aprender tudo o que é bom, porque agora tem tudo o que é de bom. Tem computador, tem tudo! A gente não sabia, era aquela caneta, aquele lápis, e era uma pedra, que tu escrevia e apagava com o paninho de novo. Agora tem mais oportunidade. (Ana).

Os pais de crianças de doze, treze anos não conseguem conversar, ele tem que trabalhar e as gurizadas são danadas! É muita coisa eletrônica para eles. Isso aí acho que tinha que ter um horário, um limite, por exemplo, uma hora por dia só. Porque é difícil, as crianças ficam até doente. É uma coisa muito brava, e as gurizada não tem nada a perder! (Pedro).

Acho isso uma evolução da época. Mas computador em excesso não é bom, porque eu tenho um filho que eu dei um computador pra ele, e ele se perde. (Nestor).

É perceptível, pelas falas dos entrevistados, a visão de uma infância atual atrelada à tecnologia, ao mesmo tempo, um tom de crítica principalmente em relação ao uso do computador.

Sobre a arte de contar histórias Kearney (2012) se utiliza de quatro conceitos: enredo (*mythos*), re-criação (*mimesis*), alívio (*catharsis*), sabedoria (*phronesis*) e ética (*ethos*). Estes conceitos serão explanados a seguir para melhor compreendermos o significado da narrativa.

A palavra enredo (*mythos*) quer dizer:

Toda existência humana é uma vida em busca de uma narrativa. Isto, não apenas porque ela se empenha em descobrir um padrão com o qual lidar com a experiência do caos e da confusão, mas, também, porque cada vida humana é *quase sempre* implicitamente uma história. Nossa própria finitude nos constitui enquanto seres que, em resumo, nascem no começo e morrem no final. E isso dá a nossas vidas uma estrutura temporal que busca algum tipo de significação em termos de referências ao passado (memória) e ao futuro (projeção). [...] Em síntese, nossa existência já segue de algum modo um enredo prévio, antes mesmo que conscientemente busquemos uma narrativa na qual reinscrever nossa vida como história de vida (KEARNEY, 2012, p. 412).

O autor complementa ainda, trazendo a noção de interpretação das nossas próprias vidas, as quais procuramos compreender “pré-reflexivamente e pré-conscientemente”, de modo a organizá-las tal qual um enredo: em começos, meios e fins, não exigindo exatamente esta ordem.

Para Kearney (2012), a existência humana é uma ação, esta ação tem sempre algum objetivo, ou seja, nos seres humanos, estamos sempre representando o nosso mundo em função de uma existência de interação com os demais indivíduos. Neste sentido, a palavra *mythos*, relaciona-se para um contar, uma fantasia ou fábula, uma estrutura construída (KEARNEY, 2012). “[...] Ou seja, um modo de fazer de nossas vidas histórias de vida” (KEARNEY, 2012, p. 412). Logo, a existência humana é de modo inerente uma narrativa, pois

[...] a vida está prenhe de histórias. Ela é um enredo nascente em busca de uma parteira. Porque dentro de cada ser humano existem inúmeras pequenas narrativas tentando escapular [...]. É por isso que a ação de toda pessoa pode ser lida como parte de uma história em desdobramento, e que cada história-de-vida clama por ser *imitada*, ou seja, transformada na história de uma vida (KEARNEY, 2012, p. 413).

Através desta citação, nota-se que a narrativa é tomada como algo em potência, e que esta nunca tem fim e estabilidade, mas a possibilidade de instaurar o novo em diferentes modos e espaços.

A expressão re-criação (*mimesis*) significa:

[...] uma redescritção imaginativa que captura [...] a essência (eidos) de nossas vidas [...] A *mimesis* [...] é uma trilha em direção à revelação dos universais inerentes à existência que compõem a verdade humana. Longe de ser uma cópia passiva da realidade, a *mimesis* reencena o mundo real da ação ao ampliar seus traços essenciais. Ela refaz o mundo, por assim dizer, à luz de suas verdades potenciais (KEARNEY, 2012, p. 413-414). *Mimesis* é invenção no sentido original do termo: *invenire* significa tanto descobrir como criar, ou seja, revelar aquilo que já estava ali à luz do que ainda não é (mas é potencialmente). É o poder, em resumo, de recriar mundos atuais na forma de mundos possíveis (KEARNEY, 2012, p. 414).

Em outras palavras, *mimesis* é uma maneira criativa de recontar, porém difere da imitação. Podemos dizer, que a *mimesis* convive entre o mundo narrado e o mundo vivido, na

qual toda a narrativa é descrita sobre uma determinada visão, estilo e gênero (KEARNEY, 2012). Quem nunca se deparou com as seguintes frases: *Eu não sou de contar mentira... Vou te contar uma história... Aí está alguém que não me deixa mentir...*

No entanto, é necessário pensar no quanto é difícil estabelecer essa diferença entre vida real e a vida fictícia. Mais adiante, desenvolverei o conceito de ficção e sua relação com a narrativa.

Em outras palavras, as narrativas históricas, ao contrário das ficcionais, afirmam que seus relatos se referem a coisas que efetivamente aconteceram – independentemente do quão variáveis e discutíveis possam ser as interpretações do que aconteceu [...] (KEARNEY, 2012, p. 416).

Entretanto, frente a esta citação, é preciso destacar que não quer dizer que uma vez que a História seja narrada, logo ela adquira algumas técnicas de recontar e contar que fazem da mesma, uma reportagem além de fatos experimentais.

Mesmo a presunção de que o passado possa ser contado tal como verdadeiramente aconteceu ainda contém a lacuna da figura de linguagem tal como. A narrativa histórica nunca é literal (com o perdão dos positivistas e fundamentalistas). Ela é sempre, pelo menos em parte, figurativa, na medida em que envolve um narrar a partir de determinada seleção, sequência, colocação em enredo e perspectiva [...] (KEARNEY, 2012, p. 417).

Ou seja, o conceito de *mimesis* na narrativa nunca se afasta do recontar histórico, mesmo que esteja inteiramente no recontar ficcional.

O termo alívio (*catharsis*) constitui:

Se possuímos compaixão narrativa – nos deixando ver o mundo do ponto de vista do outro – somos incapazes de matar. Se não a possuímos, somos incapazes de amar. Podemos dizer, assim, que a catarse permite uma singular combinação de medo e piedade pela qual experimentamos o sofrimento de outros seres tal como se os fôssemos. E é precisamente este jogo de diferença e identidade – experimentar a si próprio como outro e o outro como a si próprio – que provoca uma reversão de nossa atitude natural diante das coisas e nos abre novas maneiras de ver e ser (KEARNEY, 2012, p. 419).

Desta forma, a palavra *catharsis* significa que as histórias possuem um poder catártico exclusivo. Ou seja, as histórias nos transformam, nos levam para outros tempos e locais, conhecendo e sentindo as coisas de outra maneira. Que maravilha!

Já, o conceito sabedoria (*phronesis*), segundo a definição de Kearney (2012), quer dizer:

[...] qualquer que seja o modo como as narrativas históricas e as ficcionais se relacionem entre si, existe um tipo de compreensão específica da narratividade em geral, que corresponde aproximadamente ao que Aristóteles chamava de *phronesis* – ou seja, uma forma de sabedoria prática capaz de respeitar a singularidade das situações, assim como a nascente universalidade dos valores voltados às ações humanas. Esse tipo particular de compreensão fronética resulta de uma certa superposição entre história e História. Ele reconhece que existe sempre uma certa ficcionalidade em nossa representação da História, como se tivéssemos mesmo estado lá no passado para experienciá-lo (quando na verdade não estávamos). E, na mesma linha, ele reconhece um certo caráter histórico às narrativas ficcionais – por exemplo, o fato de que a maioria das histórias sejam recontadas no pretérito, e descrevam personagens e eventos como se fossem reais (KEARNEY, 2012, p. 421).

Ou seja, para que a narrativa funcione, o que parece impossível, precisa se tornar possível, admissível. De certa forma, o narrador cria um mundo inventado no qual ao ouvirmos “fingimos” que o que é narrado é verdade. Entretanto, não narramos o passado com certeza absoluta, nem asseguramos total arbitrariedade da narrativa. Isto é totalmente perceptível na fala de Pedro, que narrou a seguinte situação:

Às vezes, um bicho assustava a gente no rio, e se dizia que tinha jacaré no Rio das Antas. Mas acho que é mentira né? Acho que não tinha nada! Até uma vez nós estávamos tomando banho lá, e do outro lado do rio um galho balançou e nós saímos da água ligeiro e ficamos cuidando. Vimos uns riscos na água. Acho que devia ser um bicho, aí a gente aproveitou e foi embora! (Pedro).

Assim, Pedro narra uma situação cuja veracidade este não tem certeza, ou seja, da presença de jacarés no rio, porém ao mesmo tempo, quando em uma de suas idas ao rio, este questiona se não havia deparado com o animal.

[...] o que a narrativa promete àqueles de nós preocupados com a verdade histórica é uma forma de entendimento nem absoluta nem relativa, mas sim intermediária. É o que Aristóteles chamava de *phronesis*, em contraste com a mera crônica dos fatos ou

com a abstração pura da *theoria* científica. Ela é mais próxima da arte do que da ciência; ou, se preferirem, das ciências humanas do que das exatas [...] (KEARNEY, 2012, p.425).

Com este pensamento, percebe-se então que a questão não é recusar o papel da narração de histórias na História, mas distinguir que seu papel ali é distinto de seu papel na ficção.

Na esteira dos conceitos ligados à narrativa, trago ainda o vocábulo ética (*ethos*), o qual, nas palavras de Kearney (2012), denota:

[...] as histórias tornam possível a partilha ética de um mundo comum com os outros, na medida em que elas são invariavelmente uma forma de discurso. Todo ato de contar histórias envolve alguém (um narrador) contando algo (uma história) a alguém (um ouvinte) sobre algo (um mundo real ou imaginário) (KEARNEY, 2012, p. 426).

Ou seja, contar histórias nunca é um ato neutro. Toda narrativa traz em si alguma carga avaliativa em relação aos eventos narrados e aos atores apresentados na narração. Pedro é um dos entrevistados, que em algumas de suas falas, expõe suas opiniões e valores:

Eu acho que todo o professor tem que ter toda a liberdade para educar a criança, porque muitos pais mandam as crianças para o colégio, para os professores educarem as crianças. Eu acho que não seria isso aí: os professores são só para ensinar e para aprender. Educar tem que vir de casa. A criança começa a aprender com seis aninhos, mas antes dos seis aninhos ela sai de casa aprendendo muitas outras coisas.

É importante destacar que esta opinião de Pedro, embora pareça ser individual, também já foi construída no coletivo, afinal, a expressão da “educação que deve vir de casa” é comumente verbalizada por adultos que lamentam o contexto atual de educação escolar. Ou seja, trata-se de um valor “ético” cuja conotação foi construída coletivamente.

Contar histórias é, certamente, algo de que participamos (como atores), assim como algo que fazemos (como agentes). Estamos sujeitos à narrativa assim como somos sujeitos da narrativa. Somos feitos pelas histórias antes mesmo de conseguirmos

criar nossas próprias histórias. É isso que faz da existência humana um tecido costurado por histórias ouvidas e contadas [...] (KEARNEY, 2012, p. 428).

Assim, pensando a narrativa enquanto histórias, estas nos afetam e nos importam em função de nossa relação com a História quando seguidores e narradores de histórias. A História é continuamente dita com interesses determinados em mente, sendo que o primeiro interesse é o da comunicação. Para Kearney (2012) esse interesse é necessariamente ético, “[...] o que consideramos comunicável e memorável é também o que consideramos valioso. Aquilo que tem mais valor para ser guardado na memória [...]” (KEARNEY, 2012, p. 428).

Desta forma, cada narrativa traz em si sua relação ao valor moral dos personagens, e a relação moral entre algumas ações e suas consequências. Porém, não há nenhuma narrativa que defina uma resposta única e correta relacionada aos valores morais. Ou seja, não há o certo ou o errado em uma história, mas cabe ao leitor escolher as diversas alternativas de valores sugeridas pela mesma.

Lembro tanta coisa de Muçum, que me vem de chorar de emoção (choro). Caído como está! Não se culpa as autoridades atuais, se culpa que Muçum parou no tempo, porque havia navegação. E digo também que nós estamos de parabéns enquanto tivermos uma universidade como a de Lajeado, que é aqui do Alto do Taquari. Que orgulho para o ensino da nossa região! Eu lastimo não ser dessa época. Hoje em dia vocês têm pessoas maravilhosas. Por isso que eu deixo meus sinceros votos a esses dignos professores! (Nestor).

Percebe-se que Nestor é um exemplo de que quando narramos, lançamos os nossos pressupostos éticos e morais, fazendo menção daquilo que consideramos correto e necessário.

Longe de ser eticamente neutra, cada história busca nos persuadir, de um jeito ou de outro, sobre o caráter avaliativo de seus atores e de suas ações. Quer abracemos ou não estas situações retóricas e morais, não podemos fingir que elas não estejam presentes no efeito do texto sobre nós. As histórias alteram nossas vidas quando retornamos do texto para a ação. Cada história possui uma carga. E se é verdade dizer que nenhuma história é boa ou ruim, e que o pensamento é que faz dela uma coisa ou outra, isso só vale até certo ponto [...] (KEARNEY, 2012, p. 429).

Através deste pensamento, Kearney (2012) problematiza que aplicamos nossos próprios pressupostos éticos à medida que respondemos a uma história, porém sempre

respondemos algo. Assim, cada narrativa é uma espécie de jogo, no qual três sujeitos interagem entre si: autor, ator e destinatário, e o resultado nunca pode ser determinado previamente. Como consequência a narrativa é um convite em aberto à receptividade ética e poética (KEARNEY, 2012).

Diante das problematizações iniciais deste capítulo e da explanação destes cinco termos (enredo, re-criação, alívio, sabedoria e ética), trabalhados por Kearney (2012), nota-se que o conceito de narrativa não é algo simples e de fácil compreensão. E que este não se resume simplesmente a um mero “contar histórias”. “A arte de narrar é uma relação de alma, olho e mão: assim transforma o narrador sua matéria, a vida humana” (BOSI, 1994, p. 90). Creio ser um processo minucioso, uma espécie de lapidação de um diamante, porque “se as lembranças às vezes afloram ou emergem, quase sempre são uma tarefa, uma paciente reconstituição [...]” (BOSI, 1994, p. 39).

Arte esta que foi lapidada nas cantorias de Ana, na fala enfática do escritor Nestor, no choro da professora Ariane, nas risadas da agricultora Rosa e nos sorrisos tímidos do pescador Pedro.

Contar histórias é um convite a nos tornarmos agentes, narradores e leitores da nossa existência, pois como diz Kearney (2012): “[...] Sempre haverá alguém para dizer conta-me uma história, e alguém para responder. Se não fosse assim, não mais seríamos plenamente humanos” (KEARNEY, 2012, p. 430).

E este foi o meu desejo para com o presente Trabalho de Conclusão de Curso: registrar diferentes narrativas de idosos, pois acredito que eles “[...] são a fonte de onde jorra a essência da cultura, ponto onde o passado se conserva e o presente se prepara [...]” (CHAUÍ, 1979, *apud* BOSI, 1994, p. 18).

Além do que, faço uso das palavras de Bosi (1994) para dizer que esta pesquisa “não se trata de uma obra com proposta de amostragem: o intuito que me levou a empreendê-la foi registrar a voz, e através dela, a vida e o pensamento de seres que já trabalharam por seus contemporâneos e por nós” (BOSI, 1994, p. 37). Deste modo, todas as narrativas possuem seu devido valor e contribuição para se pensar e analisar o passado e o presente. Isto é uma riqueza!

Desta forma, através deste Trabalho de Conclusão de Curso acredito e defendo ser necessário permitir que os sujeitos entrem em contato com o mundo das narrativas. E mais: que possam criar e recriar com estas histórias, de modo que diferentes e inúmeras narrações conversem entre si num processo rico e dinâmico, para que assim os indivíduos possam compreender e construir significados para o mundo.

Pensando nesta relação, com certeza, nesta pesquisa eu fui uma “escutadora” de histórias, e estas farão parte da minha memória, que ao recordar-me destes momentos poderei eu ser o narrador e recontar estas narrativas para outras pessoas, bem como transmitir vivências. Assim, segue o processo da narração. Acredito ser esta a beleza da narrativa: um tesouro a descobrir, que é perpassado de geração em geração!

6. FICÇÃO: TRANSVENDO MUNDOS

Conforme já mencionado neste Trabalho de Conclusão de Curso, acredito e defendo os conceitos de infância, memória e narrativa como algo da potência, da invenção e da criação.

Desta forma, este presente trabalho não objetiva diferenciar ficção e realidade, mas deixar que os sujeitos participantes desta pesquisa “inventem” e “criem”. Ou como já mencionado no título deste presente capítulo, através do uso das palavras do poeta Manoel de Barros (2008b), que os sujeitos participantes “transvendam seus mundos”.

É no modo de realizar essa função referencial que está a principal diferença entre as narrativas históricas e as narrativas de ficção. Não se trata de uma ter e a outra não ter uma referência, nem de uma fazer referência à realidade e a outra não. Dizer dessa maneira é compreender mal tanto uma quanto a outra. Trata-se de “intenções referenciais” distintas, com alvos e modos de fazer referência diferentes, que têm em comum tanto a configuração já nomeada quanto uma ausência imediata do objeto referido, daquela “alguma coisa” a que se refere, seja por ser “do passado”, que não existe mais, seja por ser “fictícia” ou “imaginária” (GENTIL, 2011, p.189 - 190).

Portanto, nas palavras de Bosi (1994): “[...] Nosso interesse está no que foi lembrado, no que foi escolhido para perpetuar-se na história de sua vida [...]” (BOSI, 1994, p. 37). Não desejo que nesta pesquisa as narrativas históricas e as narrativas de ficção sejam pontuadas e diferenciadas, pois ambas possuem seu devido valor e importância, e não pretendo buscar respostas únicas e verdadeiras.

Estabelecendo um vai-e-vem entre passado e futuro, no interior de si mesma, a narrativa de ficção impõe ao leitor um ritmo temporal novo, complexificando, desse modo, a experiência imediata do tempo vivido. Essa interpenetração entre as experiências reais e as fictícias do tempo mimetizam a vida do narrador e recriam uma nova experiência do mundo [...] (CÉSAR, 2011, p. 170).

Frente a esta citação, nota-se que sempre contamos e recontamos histórias, partindo de experiências vividas e mudamos a partir de nossa criação, “[...] porque afinal ficcionamos o real e procuramos tornar reais algumas ficções” (OHLWEILER, 2014, p. 116).

Manoel de Barros é um autor que vem muito a calhar para trabalhar esta relação de realidade e ficção, pois o poeta defende que não devemos privar o nosso pensamento, precisamos descobrir, experimentar e vivenciar as coisas, nossas ideias devem aflorar e “voar”, pois a vida é incessantemente invenção e criação.

[...] o que se percebe é que durante muito tempo houve (e eu diria que ainda há, mas de forma menos intensa) uma preocupação com a verdade do passado, de forma a provar a autenticidade dos fatos para erigir História como campo científico, ao lado dos demais que se pautavam em experimentos (OHLWEILER, 2014, p. 117).

Contrariando a citação acima, Manoel de Barros (2008b) relata em seu documentário “Só dez por cento é mentira”, que as coisas não devem ser vistas pelo senso da razão, mas com um olhar que vai além, um olhar sensível e desvendador para com o mundo, de modo que busquemos sentidos “nas insignificâncias” (2008b). Assim, não ficaremos na pobreza da racionalidade.

Diante disso, este documentário desacomoda nosso olhar ao mostrar “Paulo que é mais um sujeito que foi mordido pelo idioleto manoielês” (2008b), que inventa novas formas e utilidades para as coisas, criando por exemplo “a fivela de prender silêncios” “o prego que farfalha”, “o esticador de horizontes”, e “o aparelho de ser inútil” (2008b).

Ao fazer estas invenções, Paulo contradiz o olhar despercebido de grande parte de nossa atual sociedade, ao mostrar e questionar o porquê das coisas terem esse nome e não outro; o porquê de tal coisa ter essa função e não outra. “As coisas não querem ser mais vistas por pessoas razoáveis [...]” (BARROS, 2008b). Portanto, de maneira singela Paulo faz uma

alusão ao criticar e “cutucar” as verdades lógicas e respostas únicas da contemporaneidade. Ou como diria Manoel de Barros (2008b) “[...] é preciso transver o mundo”.

Podemos dizer que os entrevistados em suas infâncias também fazem uso do “manoelês”, e inventam novos usos e formas para as coisas, uma vez que criavam seus brinquedos em função das baixas condições financeiras.

Nós criávamos! Boneca de pano, boneca de espiga de milho. A gente brincava assim: era de barro, a gente fazia umas pedras e cobria aquelas pedras com barro. Era o forno que nós fazíamos de brincadeira. A gente até botava os bolinhos de barro numa folha de bananeira, e nós botávamos dentro do buraquinho. Era a nossa brincadeira! Era na estrada, no pátio, no potreiro. Mais era no potreiro, nós tínhamos uma canoa de coqueiro. Então, a gente sentava dentro, segurava a ponta e tinha uma ladeira que descia. A gente subia e descia. Quem ia mais longe ganhava ponto. (Ana).

Naquele tempo se fazia com a espiga de milho a boneca, ou às vezes a mãe me fazia uma boneca de pano. Ela fazia a cabecinha, depois enchia de roupa velha, depois fazia o pescocinho, e fazia tipo uma boneca. Tudo assim. (Rosa).

Nós fazíamos as petecas. Às vezes nós fazíamos uns facões de coqueiro e nós se batia de lutar, mas de brincadeira. Mas às vezes ardia as costas (risos)! Tomava um laço, mas tentava dá também! (Pedro).

Além disso, Manoel de Barros (2008b) nos mostra que não é fácil inventar e o quão instigante e desafiante é este processo.

A ficção se faz indispensável na medida em que as práticas rotineiras e os saberes modernos não são suficientes ao homem. Este precisa (re)inventar, ludibriar a realidade e criar versos que alarguem seu mundo, numa clara tentativa de dar sentido a sua existência (ANDRADE e MEDEIROS⁶, p. 1).

Baseando-se na citação acima, creio que este movimento de ficção é necessário para os sujeitos, pois gera uma libertação de pensamento, sem preocupação com as verdades absolutas, uma vez que atualmente em nossa sociedade prevalecem práticas mecânicas e

⁶ Artigo disponível em:

<http://www.cchla.ufrn.br/shXIX/anais/GT25/UMA%20DID%20TICA%20DA%20INVEN%C7%C3O%20-%20A%20PO%20C9TICA%20DAS%20IGNOR%C3%C7AS.pdf>. Acessado em abril de 2015.

automáticas. Assim, os indivíduos possuem a oportunidade de “ultrapassar” seus limites e “dar mais vida” e imaginação ao mundo. Imaginação esta, que os entrevistados puderam ficcionar ao criar outras infâncias para eles mesmos. Ficções estas que procurei estimular ao lançar a seguinte questão: Se pudesse ser criança novamente, o que gostaria que fosse diferente?

Eu acho que seria bem melhor, porque a gente teria mais oportunidade, a gente estudaria mais, aprenderia mais coisas. (Ana).

É lógico que uma família que tivesse prazer em estar junto, ter diálogo, um pai que fosse mais afetivo com a gente. A minha mágoa que isso nada vai mudar, e meu pai podia ter sido um homem de muito dinheiro, mas ele perdeu tudo no jogo. Ele jogava aqueles jogos que ficava até de madrugada. (Ariane).

Acho que seria diferente. Pareceria de estar mais elegante, com mais roupas, bonita, brinquedos, estudar mais e trabalhar menos. Até que fiquei com o meu pai, trabalhei, trabalhei... E quando casei trabalhei mais ainda! (Rosa).

Os autores Andrade e Medeiros⁷ também mencionam que ficcionar é uma necessidade do homem e que “[...] a invenção lhe é uma prática inerente que faz parte da sua natureza, uma vez que, quando demonstramos insatisfação, conseqüentemente, estamos alimentando um desejo de mudança [...] (ANDRADE e MEDEIROS⁸, p. 2).

Manoel de Barros através de sua poesia, também expressa e problematiza a insatisfação dos indivíduos que atualmente vivem em uma sociedade em que a vida é imposta e padronizada, contradizendo o senso comum e o discurso da ordem. No poema *Invenção* (2008a), podemos observar o quanto o escritor sonha, cria e recria, não se importando com a opinião dos outros, e muito menos sobre o que a sociedade pensa a seu respeito. Para ele, pouco lhe interessa se a sociedade o considera “louco” ou “delirante”, pois sua invenção é verdadeira:

⁷ Artigo disponível em:

<http://www.cchla.ufrn.br/shXIX/anais/GT25/UMA%20DID%20TICA%20DA%20INVEN%C7%C3O%20-%20A%20PO%C9TICA%20DAS%20IGNOR%C3%C7AS.pdf>. Acessado em abril de 2015.

⁸ Artigo disponível em:

<http://www.cchla.ufrn.br/shXIX/anais/GT25/UMA%20DID%20TICA%20DA%20INVEN%C7%C3O%20-%20A%20PO%C9TICA%20DAS%20IGNOR%C3%C7AS.pdf>. Acessado em abril de 2015.

Inventei um menino levado da breca para me ser. Ele tinha gosto elevado para chão. De seu olhar vazava uma nobreza de árvore. Tinha desapatite para obedecer a arrumação das coisas. Passarinhos botavam primavera nas suas palavras. Morava em maneira de pedra na aba de um morro. O amanhecer fazia glória em seu estar. Trabalhava sem tréguas como os pardais bicam as tardes. Aprendeu a dialogar com as águas ainda que não soubesse nem as letras que uma palavra tem. Contudo se soletrasse rãs melhor que mim! Era beato de sapos. Falava coisinhas seráficas para os sapos como se namorasse com ele. De manhã pegava o regador e ia regar os peixes. Achava arrulos antigos nas estradas abandonadas. Havia um dom de traste atravessado nele. Moscas botavam ovo no seu ornamento de trapo. As garças pensavam que ele fosse árvore e faziam sobre ele suas brancas bostas. Ele não fora inventado por esse cara poeta. Porque fui eu que inventei ele (BARROS, 2008a, p. 151).

Desta maneira, acredito que as obras de Manoel de Barros são de extrema importância para refletirmos o conceito de ficção, visto que suas falas e poemas nos desacomodam e possibilitam transformação, sem nenhuma preocupação com um pensamento lógico e real. Creio ser algo maravilhoso, visto que a maioria dos indivíduos estão saturados de pensamentos “prontos” e impostos.

[...] a compreensão de uma narrativa de ficção tem uma dimensão existencial que não se reduz a uma “vivência” interior, constituindo-se objetivamente como ação no mundo e como expressão linguística acessível. Na medida em que nosso mundo da ação ou da vida é constituído pelo entrelaçamento das narrativas – significando isto que as narrativas não só “representam” de fora esse mundo, mas participam de sua própria constituição [...] a compreensão dessas narrativas pelo leitor implica em transformação deste e de seu mundo. Isso acontece porque a condição de sua existência e compreensão é justamente a nossa historicidade, esse dilaceramento que somos, essa distensão que se articula, [...] na ação e na narrativa. [...] há uma imbricação indissociável entre o narrar e o viver temporal, na qual se constitui a nossa identidade, de uma maneira tal que as narrativas de ficção têm aí um papel fundamental, tornando explícita, alargando e transformando nossa compreensão de nós mesmos e o nosso modo de ser (PAULA e SPERBER, 2011, p. 30).

Conforme a citação acima percebe-se que o conceito de ficção é complexo e não se relaciona com a ideia de “contar mentiras”, mas uma forma de recriar e reinventar os saberes e o cotidiano, ficcionando novos modos de vivenciar a nossa existência.

Manoel de Barros em seu livro *Memórias Inventadas* ressalta a seguinte fala: “Tudo que não invento é falso” (BARROS, 2008a, p. 7). Frente a esta expressão, nota-se o quanto esta fala nos afeta e nos faz pensar. É interessante refletirmos esta analogia de que o que não imaginamos não faz parte de nossa autoria.

[...] não só os limites de nossa liberdade, mas a extraordinária possibilidade de romper tais limites, até o ponto possível – imprevisível – exatamente graças aos componentes da pulsão de ficção: o imaginário, a simbolização e a efabulação, ou criação. A pulsão de ficção: trampolim para o conhecimento e desenvolvimento imponderáveis (SPERBER, 2011, p.64)

De acordo com a citação acima, a ficção é do campo da criação, da imaginação, é não possui a necessidade de mostrar a sua veracidade. De uma forma poética, a ficção significa: “[...] Que a importância de uma coisa há que ser medida pelo encantamento que a coisa produza em nós [...]” (BARROS, 2008a, p. 109). Creio que isto é uma riqueza!

Encantamentos estes que foram medidos por nossos entrevistados e narrados através de seus poemas de infância. Acredito que cada idoso também foi um “Manoel de Barros” ao procurar narrar suas históricas com o encantamento da época, ao possibilitarem risos e emoções durante as suas falas:

Um dia, tinha que comprar sabão e eu peguei de novo a bicicleta do meu irmão. Quando eu cheguei na metade do caminho, tinha uma poça de água grande, olhei e vinha vindo uma caminhonete de cigarro. A caminhonete vinha vindo. Meu Deus, não faço hora chegar em casa! Aí, eu peguei e pensei assim: Eu vou mais adiante que lá é mais espaço, porque era só os trilhos para passar carro, não é que nem agora que tem espaço para passar, que tem lados. E quando eu vi a caminhonete chegou e eu me larguei dentro daquela poça de água (risos). Imagina, água suja, tu imagina como eu fiquei (risos)! (Ana).

O filó era daqui da “Braba”, e desde criança eu participava do filó. Comia, brincava, todo mundo se ajudava, aqui não tinha maldade que existe hoje, de um falar do outro. (Nestor).

É interessante notar na fala de Nestor, esse lugar idealizado em que ele situa o passado. Poderíamos dizer que um passado ficcionado, no qual “não existia maldade”, como

se começássemos a narrar um conto de fadas: “*Há muito tempo atrás, em um lugar onde não existia maldade...*”

Nós tínhamos cachorro, e nós saíamos para caçar sempre por volta das oito horas da noite. Tinha os irmãos mais velhos que cuidavam dos novos. Eu sei que uma vez nós fomos, com vela, um candeeiro, viajamos de caíque com os cachorros juntos. Os bichos que eram ariscos, como o tatu, saíam muito tarde da noite, então nós ficávamos dormindo na beira do rio e tal hora o meu irmão chamava nós buscar os bichos. Era longe! Uma vez eu sonhei que estava dormindo, que estava na minha cama, quando me acordei, eu estava lá no meio do mato! Era inverno. Meu Deus do céu (risos)! (Pedro).

Trago ainda mais um poema de Manoel de Barros (2008a) para seguir pensando nas possibilidades de narrar a infância, ou, as infâncias possíveis:

Eu estava encostado na manhã como se um pássaro à toa estivesse encostado na manhã. Me veio uma aparição: Vi a tarde correndo atrás de um cachorro. Eu teria 14 anos. Essa aparição deve ter vindo de minhas origens. Porque nem me lembro de ter visto nenhum cachorro a correr de uma tarde. Mas tomei nota desse delírio. Esses delírios irracionais da imaginação fazem mais bela a nossa linguagem. Tomei nota desse delírio em meu caderno de frases. Àquele tempo eu já guardava delírios. Tive outra visão naquele mês. Mas preciso antes contar as circunstâncias. Eu exercia um pedaço da minha infância encostado à parede da cozinha do quintal de casa. Lá eu brincava de cangar sapos. Havia muitos sapos atrás da cozinha. A gente bem se entendia. Eu reparava que os sapos têm o couro das costas bem parecido com o chão. Além de que eram do chão e encardidos. Um dia eu falei pra mãe: Sapo é um pedaço de chão que pula. A Mãe disse que eu estava meio variado. Que sapo não é um pedaço de chão. Só se fosse no meu delírio. Isso até eu sabia, mas me representava que sapo é um pedaço de chão que pula. Hoje estou maiorzinho e penso no Profeta Jeremias. Ele tanto lamentava de ver a sua Sião destruída e arrasada pelo fogo que em casa lhe veio esta visão: Até as pedras da rua choravam. Ao escrever a um amigo, mais tarde, na paz de sua casa, se lembrou do delírio: até as pedras da rua choravam. Era tão bela a frase porque irracional. Ele disse (BARROS, 2008a, p. 175).

Observa-se no poema acima, chamado *Delírios* (2008a), que Manoel de Barros apesar de sua mãe dizer-lhe que estava “delirando”, em nenhum momento parou de inventar e reinventar, mesmo quando maior de idade. Melhor que isso: registrava suas criações em um caderno. Com os idosos entrevistados, também não é diferente. Apesar de sua idade, estes com muita alegria e empolgação, recordam, recitam e “deliram” momentos de simplicidade, mas que foram marcantes em suas vidas.

É com esta reflexão, que quero deixar aqui o convite de nos lançarmos ao mundo da invenção, independente do que os outros pensam ou digam, independente de ser criança, adulto ou idoso. E mais: que anotem e registrem suas ficções. Não pensem que isso seja “maluquice”.

Enfim, que nossa criação seja constante e potencializadora! Portanto, que possamos nos entregar ao delírio das palavras.

7. CONTE E RECONTE

A presente pesquisa proporcionou que os entrevistados contassem e perpassassem narrativas de infância através da rememoração e da ficção. A infância foi o foco central para lembrar memórias e problematizá-las sobre questões do presente. Estas narrativas serviram para compreender e constituir significados de mundo. Da mesma forma, poder ficcionar e reinventar infâncias para os idosos participantes.

Através das narrativas de idosos, ampliei o olhar sobre as diversas representações de infância. Foi possível observar que não há somente uma única forma de vivenciá-la, mas múltiplas infâncias. Portanto, situo neste ponto a potência e a riqueza das narrativas de cada idoso entrevistado.

Cada infância foi narrada com suas particularidades e especificidades. As distintas representações de infâncias foram descritas em função de vários fatores sociais que cada idoso vivenciou. Como por exemplo: situação financeira, etnia, gênero, localização geográfica, escola, religião, dentre outros. O trabalho, as brincadeiras, os brinquedos, o cotidiano, o vestuário, a escola, o campo e a cidade foram os principais pontos utilizados para lembrar a infância de cada idoso participante desta pesquisa.

Em relação à situação financeira, é nítida a diferença social vivenciada entre os entrevistados, seja em relação ao acesso a bens materiais, como roupas e brinquedos, quanto a oportunidades de estudo. Cabe destacar que também são perceptíveis as diferentes vivências, em relação às dificuldades financeiras. De três entrevistados, por exemplo, que narraram uma infância pobre em bens materiais, somente um ressaltou e deu ênfase em vários momentos da

entrevista às dificuldades atreladas à condição social. Já os demais narraram como uma característica da infância e não necessariamente como um sofrimento.

O trabalho durante a infância, foi marca registrada para todos os idosos. Entretanto, dentre os cinco entrevistados, somente uma relatou como algo sacrificante e que a deixava triste. Para os demais, o trabalho era um elemento que fazia parte de suas infâncias, pois era algo necessário para a sua sobrevivência e até era um momento de diversão familiar e distração com outras pessoas.

O brincar de todos os entrevistados foi desfrutado por brincadeiras coletivas, como futebol, caçador, ovo choco, esconde-esconde, com primos, amigos ou colegas de escola. Quatro entrevistados mencionaram que eram eles mesmos que criavam suas brincadeiras e brinquedos, uma vez que possuíam poucas condições financeiras. Somente um entrevistado teve a oportunidade de adquirir brinquedos, como carrinhos e uma coleção de selos, por possuir melhores condições financeiras.

A questão de gênero ficou perceptível na análise das narrativas, pois uma entrevistada relatou que não podia brincar com meninos, visto que estudava em uma escola de freiras, bem como, brincava somente de boneca e casinha, brincadeiras estas ditas femininas. Os demais entrevistados, tanto os homens, como as mulheres, relataram que brincavam e se relacionavam entre meninos e meninas, sem distinção alguma. Da mesma forma, os brinquedos utilizados pelos entrevistados não eram levados em consideração quanto ao gênero (de menino ou menina).

Em relação ao seu cotidiano, este era basicamente restrito ao estudo e ao trabalho. Brincadeiras com amigos eram mais usufruídas nos finais de semana, bem como algum passeio ou atividade familiar. Entretanto, para as mulheres além destas tarefas, as mesmas

tinham uma vida religiosa muito regrada, como rezar o terço todas as noites e ir à missa todos os finais de semana, caso não fossem, eram punidas.

Quanto ao vestuário, todos os entrevistados descreveram que suas roupas eram confeccionadas em casa pelos seus familiares (mãe ou avó). Estas roupas tinham de ser muito bem cuidadas, pois haviam poucas condições financeiras de comprar seguidamente. Roupas consideradas melhores eram somente utilizadas para grandes eventos, como missas, bailes ou festas religiosas.

Em relação à localização geográfica, quatro, dos cinco entrevistados, relataram ter vivenciado sua infância no espaço rural. Porém uma, destes quatro entrevistados, narrou lembranças tristes quanto às suas vivências no campo, em função da ausência da figura paterna e do trabalho árduo. Para os outros três, o espaço rural foi um local de liberdade e diversão. Somente um entrevistado, com muita ênfase e nostalgia, descreveu lembranças e vivências de infância no espaço urbano, mostrando o quanto ainda estes momentos estão vivos e presentes em sua memória, bem como o seu orgulho para com sua terra natal.

Quanto à escola, quatro entrevistados relataram que faziam um grande percurso a pé, independente de sol ou chuva, para irem até a escola. Igualmente, os materiais escolares também eram adquiridos com sacrifício ou muitas vezes eram confeccionados em casa, como por exemplo, a mochila que era uma sacola de pano.

Entretanto, é importante destacar que, estes “sacrifícios” que os entrevistados faziam para poderem estudar, eram de certa forma, vistos como uma recompensa, pois estes relataram que nada é possível sem as superações das dificuldades e que estudar nos torna pessoas melhores.

Somente um entrevistado, por possuir melhores condições, teve de certa forma a oportunidade de usufruir de um estudo em outra cidade, sendo que sua locomoção era

realizada de barca. No entanto, este também sempre valorizou esta possibilidade e estimava a importância do estudo. Para todos os entrevistados, a escola remeteu a momentos de alegria, diversão, amizade, empenho, punições, brigas entre colegas e as “artes”, no sentido de que “aprontavam”.

Frente às narrativas, foi possível notar infâncias repletas de nostalgia, saudosismo e alegria, mas também infâncias cheias de angústias, sacrifícios, aflições e dificuldades. Nesse sentido, entrevistar esse grupo de idosos representou uma espécie de viagem, deslocando-me do presente e “passeando” pelo passado, através da evocação da memória dos entrevistados.

A principal reflexão que este Trabalho de Conclusão de Curso propôs é sobre a importância de se repensar o conceito de infância como construção histórica e cultural. É imprescindível desconstruir a ideia de que a infância é apenas um período cronológico na vida do ser humano, pois a infância se constrói de distintas maneiras, nos vários espaços, nos inúmeros contextos sociais e culturais nos quais os sujeitos (independentemente da idade cronológica) estão inseridos, produzindo múltiplas infâncias. Estas diversidades nos possibilitam também como adultos (e não só as crianças em si) a ver as infâncias de várias formas possíveis. “Modelos” e conceitos “fixos”, não possibilitam pensá-la para além do tempo cronológico.

Ao narrar, reviver e relembrar, em certa medida, os idosos recriavam suas vivências e experiências do passado a partir do presente, produzindo significados ou ressignificando seu passado através da ação de narrar e recordar.

Assim, meu desejo é que este trabalho possa “contar” estas ricas narrativas para outros indivíduos, e que estes também “recontem” para outros sujeitos, e assim continuamente, produzindo novas e distintas infâncias, memórias e narrativas.

REFERÊNCIAS

ALTMAN, Raquel Zumbano. Brincando na história. In: PRIORE, Mary del (Org.). **História das crianças no Brasil**. São Paulo: Contexto, 2009.

ANDRADE, Pablo.; MEDEIROS, Rosimeire. **Uma didática da invenção: a poética das ignoranças.** Disponível em: <http://www.cchla.ufrn.br/shXIX/anais/GT25/UMA%20DID%20TICA%20DA%20INVEN%C7%C3O%20-%20A%20PO%20TICA%20DAS%20IGNOR%C3%C7AS.pdf>. Acessado em abril de 2015.

ARIÈS, Philippe. **História Social da criança e da família**. 2 ed. Rio de Janeiro: LTC, 2012.

BARROS, Manoel de. **Memórias inventadas: as infâncias de Manoel de Barros**. São Paulo: Editora Planeta do Brasil, 2008a.

_____. **Só dez por cento é mentira: a desbiografia poética de Manoel de Barros**. 2008b. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=XCMczEBuII4>. Acessado em abril de 2015.

BECKER, Howard S. Métodos de pesquisa em Ciências Sociais. Tradução de Marco Estevão. 3ª Edição. São Paulo: Editora Hucitec, 1994. In: BONI. Valdete.; QUARESMA. Sílvia Jurema. **Aprendendo a entrevistar: como fazer entrevistas em Ciências Sociais**. Revista Eletrônica dos Pós-Graduandos em Sociologia Política da UFSC. Vol. 2 nº 1 (3), janeiro-julho/2005, p. 68-80. Disponível em:

<https://periodicos.ufsc.br/index.php/emtese/article/viewFile/18027/16976>. Acessado em abril de 2015.

BENJAMIN, Walter. **Experiência e pobreza**. 1933. Disponível em: <https://bibliotecasocialvirtual.files.wordpress.com/2010/06/walter-benjamin-experiencia-e-pobreza.pdf>. Acessado em abril de 2015.

_____. **Magia e técnica, arte e política**. São Paulo. Editora Brasiliense, 1936. Disponível em:

<http://www.afoiceeomartelo.com.br/posfsa/Mat%C3%A9rias/Hist%C3%B3ria%20Social%20da%20Arte%20II/Benjamin,%20Walter%20O%20narrador.pdf>. Acessado em abril de 2015.

BONI, Valdete.; QUARESMA, Sílvia Jurema. **Aprendendo a entrevistar: como fazer entrevistas em Ciências Sociais**. Revista Eletrônica dos Pós-Graduandos em Sociologia Política da UFSC. Vol. 2 nº 1 (3), janeiro-julho/2005, p. 68-80. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/emtese/article/viewFile/18027/16976>. Acessado em abril de 2015.

BOURDIEU, Pierre. A miséria do mundo. Tradução de Mateus S. Soares. 3ª Edição. Petrópolis: Vozes, 1999. In: BONI, Valdete.; QUARESMA, Sílvia Jurema. **Aprendendo a entrevistar: como fazer entrevistas em Ciências Sociais**. Revista Eletrônica dos Pós-Graduandos em Sociologia Política da UFSC. Vol. 2 nº 1 (3), janeiro-julho/2005, p. 68-80. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/emtese/article/viewFile/18027/16976>. Acessado em abril de 2015.

BOSI, Ecléa. **Memória e sociedade: lembranças de velhos**. 3ª ed., São Paulo: Companhia das Letras, 1994.

CARNEIRO, Giane Araújo Pimentel. As práticas educativas familiares no processo de distinção geracional criança/adulto (Caetité-BA, 1910-1930). Dissertação de mestrado, UFMG/FaE, 2011. In: NEVES, Simone Aparecida. **No meu tempo de infância: Representações da infância em memórias e autobiografias – Minas Gerais (1900-1960)**. Belo Horizonte, 2013. Disponível em: <https://www2.ufmg.br/pedagogia/pedagogia/Home/Arquivo-de-Monografias>. Acessado em junho de 2015.

CÉSAR, Constança Terezinha M. Temporalidade e literatura. In: PAULA, Adna Candido de; SPERBER, Suzi Frankl; (orgs). **Teoria literária e hermenêutica ricoeuriana: um diálogo possível.** Dourados, MS: UFGD, 2011. Disponível em: <http://copyfight.me/Acervo/livros/PAULA%3B%20SPERBER%20%28orgs.%29.%20Teoria%20litera%CC%81ria%20e%20hermene%CC%82utica%20ricoeuriana.pdf>. Acessado em abril de 2015.

CHAUÍ, Marilena. Os trabalhos da memória, 1979. In: BOSI, Ecléa. **Memória e sociedade: lembranças de velhos.** 3ª ed., São Paulo: Companhia das Letras, 1994.

FAOUR, Carla. **A arte de escutar: histórias que revelam a beleza de ouvir e ser ouvido.** Rio de Janeiro: Agir, 2009.

FISCHER, Beatriz Daudt. **Foucault e histórias de vida: aproximações e que tais.** História da Educação. ASPHEF/FaE/UFPel, Pelotas, (1): 5 – 20, abril, 1997. Disponível em: <http://seer.ufrgs.br/index.php/asphe/article/view/30625/pdf>. Acessado em abril de 2015.

GAGNEBIN, Jeanne Marie. **Lembrar, escrever, esquecer.** São Paulo: Ed. 34, 2006. Disponível em: http://www.hrenatoh.net/curso/textos/txt_gagnebin_jeanne_m_lembrarecrevereesquecer.pdf. Acessado em março de 2015.

GANCHO, Cândida V. **Como analisar narrativas.** 3ª Edição. São Paulo: Editora Ática, 1995.

GENTIL, Hélio de Salles. Historicidade e compreensão das narrativas de ficção a partir da hermenêutica de Paul Ricoeur. In: PAULA, Adna Candido de; SPERBER, Suzi Frankl; (orgs). **Teoria literária e hermenêutica ricoeuriana: um diálogo possível.** Dourados, MS: UFGD, 2011. Disponível em: <http://copyfight.me/Acervo/livros/PAULA%3B%20SPERBER%20%28orgs.%29.%20Teoria%20litera%CC%81ria%20e%20hermene%CC%82utica%20ricoeuriana.pdf>. Acessado em abril de 2015.

GONÇALVES, Eliana.; FILHO, José Alfredo Beirão. **Usabilidade: Vestuário infantil.** Ano 1, n.1, jan - jun 2008. p. 107 – 118. Disponível em: http://www.ceart.udesc.br/modapalavra/edicao1/artigos/vestuarioinfantil_eliana_beirao.pdf. Acessado em junho de 2015.

GOUVÊA, Maria Cristina Soares de. O mundo da criança: a construção do infantil na literatura brasileira. Bragança Paulista: Editora Universitária São Francisco, 2004. In: NEVES, Simone Aparecida. **No meu tempo de infância: Representações da infância em memórias e autobiografias – Minas Gerais (1900-1960)**. Belo Horizonte, 2013. Disponível em: <https://www2.ufmg.br/pedagogia/pedagogia/Home/Arquivo-de-Monografias>. Acessado em junho de 2015.

GULLESTAD, Marianne. Infâncias imaginadas: construções do eu e da sociedade nas Histórias de vida. Educ. Soc., Campinas, vol. 26, n.91, p. 509-534, Maio/ago. 2005. In: NEVES, Simone Aparecida. **No meu tempo de infância: Representações da infância em memórias e autobiografias – Minas Gerais (1900-1960)**. Belo Horizonte, 2013. Disponível em: <https://www2.ufmg.br/pedagogia/pedagogia/Home/Arquivo-de-Monografias>. Acessado em junho de 2015.

HAGUETTE, Teresa Maria Frota. Metodologias qualitativas na Sociologia. 5ª Edição. Petrópolis: Vozes, 1997. In: BONI, Valdete.; QUARESMA, Sílvia Jurema. **Aprendendo a entrevistar: como fazer entrevistas em Ciências Sociais**. Revista Eletrônica dos Pós-Graduandos em Sociologia Política da UFSC. Vol. 2 nº 1 (3), janeiro-julho/2005, p. 68-80. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/emtese/article/viewFile/18027/16976>. Acessado em abril de 2015.

JINZENJI, Mônica Y.; GALVÃO, Ana Maria de Oliveira.; SILVA, Simone A. Memórias da infância em meio rural: a escola e outros espaços de sociabilidade (Minas Gerais - Brasil, 1920-1950). In: NEVES, Simone Aparecida. **No meu tempo de infância: Representações da infância em memórias e autobiografias – Minas Gerais (1900-1960)**. Belo Horizonte, 2013. Disponível em: <https://www2.ufmg.br/pedagogia/pedagogia/Home/Arquivo-de-Monografias>. Acessado em junho de 2015.

KASSOUF, Ana Lúcia. O que conhecemos sobre o trabalho infantil? Nova Economia, v.17, n.2. Belo Horizonte, 2007. In: NEVES, Simone Aparecida. **No meu tempo de infância: Representações da infância em memórias e autobiografias – Minas Gerais (1900-1960)**. Belo Horizonte, 2013. Disponível em: <https://www2.ufmg.br/pedagogia/pedagogia/Home/Arquivo-de-Monografias>. Acessado em junho de 2015.

KEARNEY, Richard. **Narrativa**. Educ. Real., Porto Alegre, v. 37, n. 2, p. 409-438, maio/ago. 2012. Disponível em: <http://seer.ufrgs.br/educacaoerealidade/article/viewFile/30354/19417>. Acessado em março de 2015.

KOHAN, Walter O. **Infância. Entre Educação e Filosofia**. 2. Ed – Belo Horizonte: Autêntica, 2011.

_____. **Lugares da infância: Filosofia**. Rio de Janeiro: DP&A, 2004.

_____. **Infância, Estrangeiridade e Ignorância - ensaios de filosofia e educação**. Belo Horizonte: Autêntica, 2007.

LAKATOS, Eva Maria. & MARCONI, Marina de Andrade. Técnicas de pesquisa. 3ª Edição. São Paulo: Editora Atlas, 1996. In: BONI, Valdete.; QUARESMA, Sílvia Jurema. **Aprendendo a entrevistar: como fazer entrevistas em Ciências Sociais**. Revista Eletrônica dos Pós-Graduandos em Sociologia Política da UFSC. Vol. 2 nº 1 (3), janeiro-julho/2005, p. 68-80. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/emtese/article/viewFile/18027/16976>. Acessado em abril de 2015.

LAUWE, Marie-José Chomboart. Um outro mundo: a infância. São Paulo: Perspectiva: Editora Universidade de São Paulo, 1991. In: NEVES, Simone Aparecida. **No meu tempo de infância: Representações da infância em memórias e autobiografias – Minas Gerais (1900-1960)**. Belo Horizonte, 2013. Disponível em: <https://www2.ufmg.br/pedagogia/pedagogia/Home/Arquivo-de-Monografias>. Acessado em junho de 2015.

LIDDELL, H; SCOTT, R;. A Greek English lexicon. Oxford: Clarendon, 1966. In: KOHAN. Walter O. **Lugares da infância: Filosofia**. Rio de Janeiro: DP&A, 2004.

MALUF, Marina; MOTT, Maria Lúcia. Recônditos do mundo feminino. In: NEVES, Simone Aparecida. **No meu tempo de infância: Representações da infância em memórias e autobiografias – Minas Gerais (1900-1960)**. Belo Horizonte, 2013. Disponível em: <https://www2.ufmg.br/pedagogia/pedagogia/Home/Arquivo-de-Monografias>. Acessado em junho de 2015.

MELO, Alfredo César. Saudosismo e crítica social em Casa Grande e Senzala: a articulação de uma política de memória e de uma utopia. *Estudos Avançados*, v. 23, n. 67, 2009. In: NEVES, Simone Aparecida. **No meu tempo de infância: Representações da infância em memórias e autobiografias – Minas Gerais (1900-1960)**. Belo Horizonte, 2013. Disponível em: <https://www2.ufmg.br/pedagogia/pedagogia/Home/Arquivo-de-Monografias>. Acessado em junho de 2015.

MINAYO, Maria Cecília de Souza (org). *Pesquisa Social: Teoria, Método e Criatividade*. 6ª Edição. Petrópolis: Editora Vozes, 1996. In: BONI, Valdete.; QUARESMA, Sílvia Jurema. **Aprendendo a entrevistar: como fazer entrevistas em Ciências Sociais**. Revista Eletrônica dos Pós-Graduandos em Sociologia Política da UFSC. Vol. 2 nº 1 (3), janeiro-julho/2005, p. 68-80. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/emtese/article/viewFile/18027/16976>. Acessado em abril de 2015.

NEVES, Simone Aparecida. **No meu tempo de infância: Representações da infância em memórias e autobiografias – Minas Gerais (1900-1960)**. Belo Horizonte, 2013. Disponível em: <https://www2.ufmg.br/pedagogia/pedagogia/Home/Arquivo-de-Monografias>. Acessado em junho de 2015.

OHLWEILER, Mariane Inês. **Narrativas intergeracionais: modos de descrever, lembrar e “revisitar” a infância**. In: II Simpósio Luso-Brasileiro em estudos da criança – Pesquisa com crianças desafios éticos e metodológicos, 2014, p. 1-12. Disponível em: http://www.estudosdacrianca.com.br/resources/anais/1/1407067012_ARQUIVO_Trabalhocompleto-MarianeInesOhlweiler.pdf. Acessado em março de 2015.

_____. **No labirinto da transmissão: a herança do conceito de autoridade**. Porto Alegre, 2014. Disponível em: <http://www.lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/95669/000918518.pdf?sequence=1>. Acessado em março de 2015.

ORLANDO, Evilyn de Almeida. Os manuais de catecismo nas trilhas da educação: notas de história. In: NEVES, Simone Aparecida. **No meu tempo de infância: Representações da infância em memórias e autobiografias – Minas Gerais (1900-1960)**. Belo Horizonte, 2013. Disponível em: <https://www2.ufmg.br/pedagogia/pedagogia/Home/Arquivo-de-Monografias>. Acessado em junho de 2015.

PAULA, Adna Candido de.; SPERBER, Suzi Frankl;. Apresentação. In: PAULA, Adna Candido de; SPERBER, Suzi Frankl;. (orgs). **Teoria literária e hermenêutica ricoeuriana: um diálogo possível.** Dourados, MS: UFGD, 2011. Disponível em: <http://copyfight.me/Acervo/livros/PAULA%3B%20SPERBER%20%28orgs.%29.%20Teoria%20litera%CC%81ria%20e%20hermene%CC%82utica%20ricoeuriana.pdf>. Acessado em abril de 2015.

RIZZINI, Irma. Pequenos trabalhadores. In: PRIORE, Mary del (Org.). **História das crianças no Brasil.** São Paulo: Contexto, 2009.

ROUSSEAU, Jean Jacques. **Emílio ou Da Educação.** Trad. R.L. Ferreira. 3ª Edição. São Paulo: Martins Fontes, 1995.

SILVEIRA, F. J. N. Leitura e memória: convergências em torno de uma harmonia oculta. In: MOURA, Maria. (Org.). **Cultura informacional e liderança comunitária: concepções e práticas.** Belo Horizonte: Pró-Reitoria de Extensão - UFMG, 2011, v. 1, p. 59-63. Disponível em:

https://www.ufmg.br/proex/cpinfo/cultura/docs/08b_Leitura_e_memoria__Fabricio_Silveira.pdf. Acessado em março de 2015.

SPERBER, Suzi Frankl. Debate entre ideias: o conceito de pulsão de ficção e as teorias de Paul Ricœur In: PAULA, Adna Candido de; SPERBER, Suzi Frankl;. (orgs). **Teoria literária e hermenêutica ricoeuriana: um diálogo possível.** Dourados, MS: UFGD, 2011. Disponível em:

<http://copyfight.me/Acervo/livros/PAULA%3B%20SPERBER%20%28orgs.%29.%20Teoria%20litera%CC%81ria%20e%20hermene%CC%82utica%20ricoeuriana.pdf>. Acessado em abril de 2015.

ANEXOS

**ANEXO A - TERMO DE CONSENTIMENTO INFORMADO PARA O
(A) DIRETOR (A) RESPONSÁVEL DA INSTITUIÇÃO**

Eu, _____, na condição de diretor (a) responsável da instituição _____, autorizo a realização da investigação desenvolvida pela pesquisadora Priscila Lanzoni, aluna do Curso de Pedagogia no Centro Universitário – UNIVATES, de Lajeado/RS.

Fui esclarecido (a) de que a pesquisa poderá se utilizar de entrevistas, tendo propósito único de pesquisa, respeitando-se as normas éticas quanto à identificação nominal desta instituição, de seus profissionais, bem como dos idosos entrevistados.

Declaro que fui informado/a de que o objetivo desta pesquisa intitulada “Narrativas sobre infância: Modos de reviver e relembrar o passado”, é: analisar de que modos a infância perpassa a narrativa de idosos. Desse modo, serão realizadas entrevistas, as quais serão transcritas posteriormente, para tanto será usado um gravador de áudio.

A participação desta instituição é realizada por um ato voluntário, o que me deixa ciente de que a pesquisa não trará nenhum apoio financeiro, dano ou despesa para a instituição.

Estou ciente de que esse tipo de pesquisa exige uma apresentação de resultados, por isso autorizo a divulgação das entrevistas geradas na instituição para fins exclusivos de publicação e divulgação científica e para atividades formativas de educadores e demais profissionais ligados à temática em questão.

_____, _____, de _____ de 2015.

Assinatura do (a) diretor (a) responsável da instituição

Assinatura da pesquisadora

ANEXO B - TERMO DE CONSENTIMENTO INFORMADO E ESCLARECIDO

Eu, _____, RG _____, declaro por meio deste Termo que ACEITO participar da coleta de dados da pesquisa de graduação realizada por Priscila Lanzoni, aluna do Centro Universitário - UNIVATES, de Lajeado/RS, sob a orientação da Prof.^a Mariane Inês Ohlweiler.

Declaro que fui informado/a de que o objetivo desta pesquisa intitulada “Narrativas sobre infância: Modos de reviver e lembrar o passado”, é: analisar de que modos a infância perpassa a narrativa de idosos. Desse modo, serão realizadas entrevistas, as quais serão transcritas posteriormente, para tanto será usado um gravador de áudio.

Declaro que fui igualmente informado (a) de que as informações coletadas a partir desta pesquisa serão utilizadas apenas em situações acadêmicas (artigos científicos, palestras, seminários, etc), identificadas somente por nome fictício e número relativo à idade do participante.

Estou ciente de que, em caso de dúvida, poderei contatar a pesquisadora para os esclarecimentos desejados. Fui informado (a) ainda de que poderei deixar de participar da pesquisa a qualquer momento, mediante a comunicação à pesquisadora responsável pela mesma.

_____, _____, de _____ de 2015.

Assinatura da pesquisadora

Assinatura da (o) participante

ANEXO C - PERGUNTAS NORTEADORAS PARA AS ENTREVISTAS

- Se pudesses lhe dar um nome fictício para você, qual seria?
- Descreva a sua infância.
- Que palavra você usaria para caracterizar a infância?
- O que marcou sua infância?
- Se pudesses descrever uma cena em específico, em detalhes da sua infância, qual seria?
- O que você mais gostava de fazer em sua época?
- Qual era seu maior sonho de infância?
- Como era a sua vida de criança, o seu dia-a-dia? O que costumava fazer?
- Você se lembra quais as brincadeiras que você brincava? Qual você mais gostava?
- Do que você mais sente saudades?
- Se pudesses criar uma outra infância para você mesmo, como seria essa infância?
- Se pudesse ser criança novamente, o que gostaria que fosse diferente?
- Como você vê a infância dos dias atuais? Achas que ocorreram mudanças? Em que sentido? Exemplifique.
- Caracterize em uma palavra a infância dos dias atuais.